

Carteira de 3 bi comprada por 300 mi

'Banco fundado por Guedes leva carteira do BB pagando 10%'

Agência Brasil



Moro afirma que Bolsonaro o usou para fingir ação contra corrupção

O ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, disse que o governo Bolsonaro estava "usando minha presença como desculpa" de que estava combatendo a corrupção, mas na verdade "não estava se fazendo muito". Segundo ele, "uma das razões para eu sair do governo foi que não estava se fazendo muito" para combater a corrupção. "A agenda anticorrupção tem sofrido reveses desde 2018". O ex-ministro deu entrevista ao jornal britânico Financial Times. **Pág. 3**



ANO XXX - Nº 3.767 29 de Julho a 4 de Agosto de 2020



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

"Estão roubando de braçada", denuncia ex-governador Ciro

Em live com Gustavo Mendes, divulgada nesta sexta-feira (24), o ex-governador Ciro Gomes (PDT), pré-candidato a Presidência da República em 2022, denuncia que está havendo muito roubo no governo Bolsonaro. "Estão roubando de

braçada", denuncia o ex-governador. "O Banco do Brasil entregou ao Banco Pactual, que foi fundado por Guedes, uma carteira de títulos com R\$ 3 bilhões a receber. O Pactual pagou por esta carteira, sem licitação e sem nada, apenas R\$ 300 milhões", denunciou o ex-governador. **Página 2**

Por que a Covid continua a matar mais de 1000 brasileiros por dia?

Debate entre especialistas foi esclarecedor sobre o alastramento do vírus

Fotos: Governo do Estado de São Paulo



O governador de SP, João Doria, acompanha o início da vacinação teste, que imunizará 9 mil brasileiros

Luz no fim do túnel: começa teste da vacina chinesa com o Butantan

O governador João Doria (PSDB) afirmou que a vacina do laboratório chinês Sinovac Biotech contra o coronavírus, que está na terceira fase de testes em conjunto com o Instituto Butantan, deverá ser distribuída gratuitamente em massa a partir de janeiro de 2021. "A quantidade necessária para iniciar

a imunização da população brasileira, pode ser aplicada já no início de janeiro com o SUS, com aplicação gratuita. A melhor notícia que poderíamos ter é a vacina", disse Doria, em entrevista. O governador estima que a 'Coronovac' deve obter autorização para distribuição da Anvisa até o início de dezembro. **P. 4**



A caixa da vacina contra a Covid-19

O tema do encontro foi "A vigilância Epidemiológica e a Inteligência Geográfica para suprimir a transmissão do Coronavírus". A discussão se concentrou na análise da situação da pandemia, que no momento está, por dia, infectando 40 mil pessoas pelo coronavírus e matando mais de mil pessoas no Brasil. Participaram da discussão o epidemiologista da Fiocruz e ex-secretário de Saúde do Rio Eduardo Costa, o geógrafo da UnB, Edilson de Sousa Bias, o professor da Escola Superior em Ciências da Saúde do DF, Roberto Bittencourt, e o professor Paulo Resende, matemático e Coordenador do Observatório da Covid-19 da UnB. **Página 6**

"Há crime no financiamento da desinformação", diz Orlando Silva

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) afirmou que o projeto de lei de combate às fake news (PL 2.630/20) aprovado no Senado apresentou vários avanços, mas ainda é preciso tipificar penalmente (tornar crime uma conduta, uma prática) o financiamento e a produção organizada de fake news. **P. 3**

Marinho contou sobre vazamento de operação que chegou até Flávio

A divulgação de trechos do depoimento do empresário Paulo Marinho, ex-apoiador de Bolsonaro, no inquérito que investiga se houve vazamento de informações sigilosas da Operação Fumaça da Onça, não deixa dúvidas de que houve informações dadas a Flávio Bolsonaro entre os dois turnos, em 2018. **Pág. 3**

Cônsul da China: 'EUA agem como bandido por terem perdido liderança tecnológica do 5G'

"Os Estados Unidos perderam o timing e a Huawei [detentora da tecnologia 5G] está com uma tecnologia de ponta. E ao perder esse timing e perder a liderança no setor de tecnologia, os Estados Unidos não reagiram de uma forma amigável. Ao correr atrás da perda dessa liderança estão reagindo como se fossem um bandido. E acho que isso fica claro aos olhos da população mundial", afirmou o cônsul-geral da China no Rio de Janeiro, Li Yang em entrevista coletiva, virtual concedida no dia 23. **Página 7**

Greve na Renault contra demissão de 747 operários em SJ dos Pinhais

A assembleia dos metalúrgicos da Renault do dia 21, na porta da fábrica de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, decidiu pela paralisação após a montadora ter anunciado a demissão de 747 trabalhadores da unidade, além do fechamento do terceiro turno. **Página 5**

Educação impôs derrota contundente a Bolsonaro

Ciro: BTG de Guedes leva carteira de R\$ 3 bi do BB por R\$ 300 mi



Ciro Gomes: "Banco do Brasil é um banco que pertence ao povo brasileiro"



Rafael Fonteles, presidente do Comsefaz, segundo no alto da foto

Secretários estaduais de Fazenda defendem ampliar a ajuda federal

Efeitos da crise continua. Perda de ICMS por causa da pandemia chega a 18%

Em números absolutos, foram R\$ 100,674 bilhões de receitas em abril, maio e junho deste ano, contra R\$ 122,557 bilhões em 2019. Ou seja, os estados deixaram de arrecadar R\$ 21,883 bilhões.

Os dados foram apresentados na terça-feira (21) pelo presidente do Comsefaz, Rafael Fonteles, durante audiência remota da Comissão Mista do Congresso Nacional que acompanha as ações de combate à Covid-19. Participaram também os secretários de Fazenda do Paraná, Renê de Oliveira Garcia Júnior, e de São Paulo, Henrique Meirelles, e a secretária de Economia do Goiás, Cristiane Schmidt.

Segundo Rafael Fonteles, "mesmo com a retomada das atividades econômicas, o efeito na queda da arrecadação continua, porque a crise econômica não é derivada apenas do fato das atividades econômicas estarem suspensas, mas pelo próprio comportamento dos agentes econômicos que ficam com pavor da doença, obviamente, o temor, e ficam alterando o seu comportamento de consumo e, portanto, isto reflete na arrecadação. Mesmo havendo uma melhora no mês de julho em relação ao mês de maio, a nossa projeção é de que essas perdas continuem nos próximos meses".

"Portanto, qualquer comparação que a gente possa fazer entre as perdas dos estados e as ajudas que já foram aprovadas pelo Congresso Nacional e implementadas pelo governo federal, na nossa visão tem que levar em consideração a projeção até o final do ano", alertou o presidente do Comsefaz.

A maioria dos estados tiveram perdas na arrecadação superior a 20%. No Sudeste do País, o estado do Rio de Janeiro perdeu 20% na arrecadação do ICMS. São Paulo e Minas Gerais perderam -19% e Espírito Santo perdeu -18%. Na Região Sul, Santa Catarina teve um recuo de -23% e Paraná e Rio Grande do Sul perderam -20%, ambos.

Entre os entes federados que mais perderam arrecadação de ICMS na Região Norte estão os estados do Acre com queda de -49% e

Amapá - 47%. Na região Nordeste acham-se o Ceará com perda de -28%, Pernambuco -21% e Piauí, Sergipe, Bahia com -20%, ambos. Distrito Federal (-17%) e Goiás (-12%) estão entre as unidades federativas com maior perda de ICMS na região Centro Oeste.

Fonteles cobrou a ampliação das medidas de ajuda financeira aos estados e a derrubada do veto de Bolsonaro ao parágrafo 6º do art.4, previsto na Lei Complementar 173 de auxílio emergencial aos estados e municípios para prevenção e combate à crise da Covid-19, que destinou diretamente aos entes federados R\$ 60 bilhões, dividido em 4 parcelas. No texto do projeto ainda, havia também a possibilidade da suspensão da dívida com a União e instituições multilaterais de crédito, que acrescentaria a essa ajuda mais R\$ 60 bilhões.

No entanto, ao sancionar a lei, após quase um mês da sua aprovação no Senado, Bolsonaro vetou a postergação das dívidas com os bancos internacionais e, por conta disto, a suspensão da dívida só resultou em 15,3 bilhões, segundo o Comsefaz.

"Foi colocado, como se tivesse acontecido, a suspensão total de todas as dívidas. Esse ponto precisa ser esclarecido, apenas as dívidas com a Caixa Federal (CEF), BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e algumas do Banco do Brasil foram de fato suspensas, ou melhor, postergadas. Com relação aos bancos internacionais, que estavam naquela contabilidade de 120 bilhões, não se consumaram por causa do veto feito ao parágrafo 6º do artigo 4 da Lei Complementar 173", disse.

O presidente do Comsefaz também cobrou a prorrogação até dezembro da recomposição das perdas dos Fundos de Participação dos Estados (FPE) e dos Municípios (FPM).

"Houve um a compensação nominal do FPE por quatro meses, em torno de R\$ 4 bilhões aos estados e R\$ 5 bilhões para os municípios, mas a gente tem que considerar que foi uma recomposição nominal. Há

uma perda real a ser considerada e, principalmente, nós temos aí mais seis meses no ano e não há previsão da recomposição, a não ser que a Medida Provisória 938 (que está na Câmara dos Deputados), que esse auxílio seja prorrogado até o final do ano. Porque as perdas no Imposto de Renda estão sendo em alguns casos até mais significativo do que as perdas do ICMS, que é a principal base do FPE e do FPM, tanto para o Imposto de Renda quanto para o IPI (Imposto sobre os Produtos Industrializados). Então, as perdas devem se prolongar para os próximos meses e não há previsão mais de recomposição", explicou Rafael Fonteles.

AUXÍLIO EMERGENCIAL

Para Fonteles, os indicadores de queda de receita só não foram maiores por conta do auxílio de ajuda emergencial de R\$ 600, destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados.

"O momento mais crítico de fato foi o mês de maio refletindo a arrecadação gerada em abril. Em junho há uma tendência de recuperação. A gente atribui essa recuperação sem sombra de dúvida ao auxílio emergencial".

"Como esse auxílio só vai até o próximo mês (abril, maio, junho, julho e agosto) esse efeito deve sumir na arrecadação. E por isto que nós entendemos que essa perda nominal e real irá se prolongar até o final do ano, mesmo não sendo perdas da ordem de 20% ou 24% como chegou em maio. Mas devem continuar nesse patamar aí de 5% a 10%".

"De fato há o efeito positivo em muitos estados do auxílio emergencial e claro aos poucos a retomada da normalidade da economia, que enquanto não se tiver realmente uma solução definitiva, uma vacina, uma cura, o comportamento dos agentes econômicos continuará alterado e continuará se refletindo no consumo, na produção e, portanto, na arrecadação", destacou Rafael Fonteles.

ANTONIO ROSA

"Estão roubando de braçada", alerta o ex-governador **Ciro Gomes (PDT)**

O ex-governador **Ciro Gomes (PDT)**, pré-candidato à Presidência da República, denunciou, em live com Gustavo Mendes, divulgada na sexta-feira (24), que está havendo muito roubo no governo Bolsonaro. "Estão roubando de braçada", alertou o ex-governador.

Ele detalhou na entrevista que o Banco do Brasil entregou ao Banco Pactual, que foi fundado por Paulo Guedes, uma carteira de títulos com R\$ 3 bilhões a receber. "O Pactual pagou por esta carteira, sem licitação e sem nada, apenas R\$ 300 milhões", disse **Ciro Gomes**.

"Esta é uma denúncia que tem nome, endereço, CPF e CNPJ", prosseguiu o governador. "Isso é muito grave. O Banco do Brasil é um banco que pertence ao povo brasileiro. Isso causa um prejuízo com dinheiro que pertence ao povo brasileiro. Isso não é um banco particular. O Banco do Brasil foi criado por D. João VI, ainda quando o Brasil era uma colônia", disse **Ciro**.

"Pela primeira vez na vida o Banco do Brasil pegou uma carteira de três bilhões de reais e vendeu para o BTG, que vem a ser um banco pequeno, criado lá atrás pelo Paulo Guedes. Sem licitação e por pouco mais de trezentos milhões de reais foi entregue essa carteira", observou **Ciro**.

"O Banco do Brasil tem lá uma quantidade de papéis, cheques pré-datados, para todo mundo entender do que eu estou falando, com uma garantia de receber os três bilhões de reais, dinheiro que ele emprestou do povo brasileiro. Eles pegaram essa montanha de cheques pré-datados ou papéis, etc, que valem três bilhões de reais e venderam sem licitação para o BTG, que foi fundado pelo Paulo Guedes".

"Ninguém sabe por que foi R\$ 300 milhões e não foi R\$ 200 milhões, ou qualquer outro valor. E muito menos ninguém sabe por que foi o BTG. Ou seja, estão roubando de braçada

enquanto o ministro **Onyx Lorenzoni** dizendo que as coisas estão todas verde e amarelas", prosseguiu o ex-governador. Isso é de responsabilidade do senhor **Jair Messias Bolsonaro**, destacou.

"O país vive o pior momento da sociedade brasileira, da nossa história, na saúde, o pior momento da nossa economia, a maior inadimplência das famílias, mais de 100 milhões de brasileiros humilhados no SPC, o crédito que eles anunciam não chega na microempresa e eles roubando descaradamente milhões de reais", prosseguiu **Ciro**. "Isto é corrupção generalizada e orgânica. Não é mais assim que se rouba. No passado o cara pulava o muro e roubava uma galinha, isso é que dá cadeia para o nosso povo mais pobre. E os engratados fazem isso que eu falei", completou.

GASODUTOS E OLEODUTOS

"E tem mais, eles pegaram a empresa de gasodutos e oleodutos, que é uma empresa de logística da Petrobrás, e venderam, entregando a quem comprou contratos de aluguel do próprio gasoduto que a Petrobrás está vendendo e que ela usa, em que o valor do aluguel de três anos paga o que o camarada pagou pela compra e o gasoduto fica de graça para eles para o resto da vida", denunciou **Ciro Gomes**.

"Pegaram a BR Distribuidora, que é uma empresa lucrativa, de muito lucro, também pertencente ao povo brasileiro e venderam para um pool de bancos, que não tem nada a ver com petróleo, ninguém sabe por que foi um pool de bancos, não fizeram a licitação, ou seja, entregaram para um pool de bancos pelo preço que eles arbitraram, que é a valor do lucro de poucos anos da própria BR Distribuidora. Essa é a grande roubação que os canais de gravação estão fazendo no Brasil", finalizou o pré-candidato a presidente pelo PDT.

Reforma de Paulo Guedes vai gerar quebraadeira e desemprego, diz empresário

"Como o setor financeiro tem 5,9% de PIS/Cofins e o de serviços, que mais emprega, vai pagar 12%?", questiona o presidente da Cebresse, **João Diniz**

O presidente da Central Brasileira do Setor de Serviços (Cebresse), **João Diniz**, fez duras críticas à proposta de Paulo Guedes de aumentar para 12% a alíquota dos impostos PIS e Cofins, criando o CBS - Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços. Um dos setores mais atingidos seria o de serviços, já os bancos seriam beneficiados com uma alíquota de 5,8%.

"Vai ter quebraadeira, vai ter desemprego. Outra coisa que chocou foi a total falta de sensibilidade de se fazer isso neste momento de crise. O setor já está combalido. Muitas empresas vão simplesmente quebrar, com consequências na economia e desemprego", disse ao O Globo.

O setor afirma que hoje paga, em média, 4,5% de impostos sobre operações de serviços e o aumento da carga tributária proposta pela equipe econômica de Bolsonaro vai afetar gravemente a sobrevivência do setor, além de gerar impacto sobre os preços aos consumidores.

"Como o setor de serviços representa dois terços da economia, o aumento de PIS/Cofins vai pesar de alguma forma no bolso do consumidor. O problema é que as margens de lucro das empresas estão cada vez mais baixas, principalmente do setor de serviços. Com a falta de dinheiro no mercado, as empresas vão tentar segurar o aumento, mas

quem não tiver margem para isso vai quebrar", afirmou o presidente da Cebresse.

Perguntado sobre a justificativa de que a proposta vai "simplificar" a arrecadação, **Diniz** disse que há distorções no projeto e que uma contrapartida em créditos e desoneração ainda está muito obscura.

"Nada contra banqueiro, mas como o setor financeiro tem 5,9% de PIS/Cofins e o de serviços, que mais emprega, vai pagar 12%? Qual é a lógica disso?"

No caso dos bancos, segundo a Federação dos bancos, a tributação, de acordo com a proposta, "sofrerá um aumento de 24,7%, de 4,65% (PIS/COFINS) para 5,80% (na CBS)". No caso dos serviços, a alta mais do que triplica.

De acordo com o empresário, a consequência disso tudo para a economia seria desemprego e aumento da informalidade.

"A medida que o setor de serviços contrata 75% da mão de obra ativa legalizada no país. A tendência é o aumento da informalidade, do trabalho sem carteira assinada, sem Previdência, sem proteção social. O aumento da informalidade é um malefício em cascata para toda a economia".



Celso Furtado e Raul Prebisch com o presidente Getúlio

Nos 100 anos de nascimento de **Celso Furtado**, republicamos o texto, de memória do autor, sobre a visita que fez, junto com **Raul Prebisch**, a **Getúlio Vargas**, no Palácio do Catete, no início da década de 1950. O artigo contou com a introdução de **Carlos Lopes**, chefe de redação do HP, e foi publicado em outubro de 2014

Os livros de memórias de **Celso Furtado** têm uma importância que vai, provavelmente, além da consciência do autor quando os escreveu. Certamente, é possível dizer isto de quase todo livro de memórias - e, de resto, de quase todo livro. No entanto, poucas vezes tal característica é tão evidente quando nos livros memorialísticos de **Furtado** ("A Fantasia Organizada", "A Fantasia Desfeita" e "Os ares do Mundo").

Por isso, publicamos hoje o seu relato do encontro com o presidente **Getúlio Vargas**, que está em "A Fantasia Organizada". O leitor, ao percorrer o texto de **Furtado**, perceberá o motivo por que escolhemos esse trecho. Resta dizer que numa época de tanta mediocridade política, intelectual e moral é algo reanimador perceber, mais uma vez, que o Brasil já teve na Presidência um grande homem. Se já teve, nada impede que, superada a fase atual, volte a ter.

Um dos méritos dessa parte da obra de **Celso Furtado** é o retrato personalizado do entreguismo - e dos entreguistas. Os de hoje são apenas uns plagiários daqueles, pois o "argumento" é o mesmo, seja o nome do sujeito **Eugenio Gudín** ou **Fernando Henrique Cardoso**, **Roberto Campos** ou **Dilma Rousseff**: somos um povo de incapazes - ou somos "incapazes de gestão".

Como nordestino, paraibano, **Celso Furtado** era particularmente atento - e contrário - a esse "argumento", de resto completamente racista.

Por exemplo, escreve ele sobre **Gudín**, que, apenas dois anos depois, seria, após o martírio do presidente **Vargas**, ministro da Fazenda do governo **Café Filho**, lançando o Brasil em gravíssima paralisia econômica: "... pretendo deixar claro que o debate devia ser dado como encerrado, aparecia um artigo do Prof. **Gudín** sob o título 'O Caso das Nações Subdesenvolvidas'. O autor começa advertindo os economistas de que não devem intrometer-se em seara alheia. Cabe aos engenheiros, dizia, discutir os aspectos tecnológicos do problema do desenvolvimento'. (...) ... sentenciava, escutando-se no determinismo de **Buckle**: 'Não há como negar que o desenvolvimento econômico é principalmente função do clima, dos recursos da natureza e do relevo do solo'. Não era sem razão, advertia o Prof. **Gudín**, que a civilização ocidental se desenvolveu unicamente fora da zona tropical. Era como se nos estivesse lembrando, delicadamente, que somos um povo de segunda classe" (cf. **Celso Furtado**, "A Fantasia Organizada", Paz e Terra, 1985, p. 157).

Veja o texto completo no site do HP: <https://horadopovo.com.br/celso-furtado-e-raul-prebisch-com-o-presidente-getulio-vargas/>

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo - SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: **Clóvis Monteiro Neto**
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp@oi.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:

Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004

Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603

Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Waldemir Barreto/Senado

Major Olímpio: “governo está fazendo o ‘toma-lá-dá cá’ com dinheiro da Covid”

“No Senado foram oferecidos, sim, a inúmeros senadores, R\$ 30 milhões para indicar nas suas bases políticas”

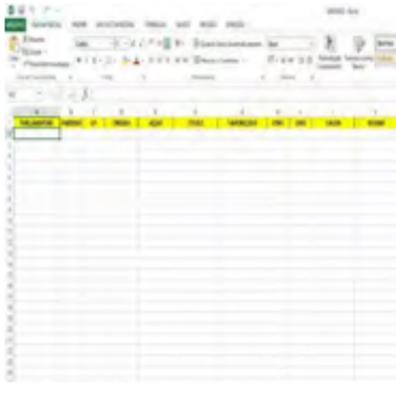
O senador Major Olímpio (PSL-SP) denunciou, na quinta-feira ao Jornal das Dez da GloboNews, que o governo está usando verbas do combate à Covid-19 para o jogo político rasteiro e fisiológico. “No Senado foram oferecidos, sim, a inúmeros senadores, R\$ 30 milhões para indicar nas suas bases políticas”, informou o senador paulista.

Ele disse ter recebido de um representante do governo a oferta de liberação de recursos públicos para o combate à Covid-19. Mas, segundo ele, a oferta não era para todos os senadores e não havia critérios objetivos, e sim políticos, para a distribuição da verba parlamentar.

“Foi o toma lá, não teve o dá cá, mas com dinheiro do Covid, sim”, acrescentou o senador. Te mando a planilha com 11 itens e até com orientação para escrever na planilha ‘Covid 19’, no começo de junho para pagar e já pagou agora em julho”, acrescentou.

O senador informou que a política de fisiologismo com o dinheiro do combate à pandemia está ocorrendo no Senado. “Tem senadores que já confirmaram que fizeram distribuição nos seus estados, por critérios que o senador escolheu.” O Major Olímpio divulgou a planilha que ele recebeu dos porta-vozes do governo para que incluísse seus dados e pudesse distribuir a verba pública.

Veja a planilha:



“Financiar desinformação é criminoso”, afirma Orlando

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) afirmou que o projeto de lei de combate às fake news (PL 2.630/20) aprovado no Senado apresentou vários avanços, mas ainda é preciso tipificar penalmente (tornar crime uma conduta, uma prática) o financiamento e a produção organizada de fake news.

“A falha está em não prever a tipificação penal dessa conduta. Precisamos combater as organizações criminosas formadas para difundir a desinformação. E preciso mirar em quem financia, porque há a prática do crime e há o financiamento do crime”, afirmou o deputado, em entrevista ao Congresso em Foco.

“Nesse sentido, eu concordo que é necessária a tipificação penal das condutas e a imputação de responsabilidades”.

O PL já foi aprovado pelo Senado e agora tramita na Câmara, mas sem data para ir ao plenário. As alterações da Câmara também deverão ser aprovadas pelos senadores.

Segundo Orlando, o projeto, que teve a relatoria do senador Angelo Coronel (PSD-BÁ), pode ser ajustado em alguns pontos.

“Eu tenho preocupações com relação à coleta de dados, seja pela rastreabilidade, seja pela identificação de usuários. Isso porque eu acredito que a ideia de que a coleta de dados deve ser mínima e para cumprir determinadas finalidades”.

O deputado elogiou “a ideia de autorregulação regulada, onde você estimula as plataformas a terem um

compromisso, mas ao mesmo tempo, baseado em determinadas indicações que a lei estabelece”.

Mas pontuou que o projeto “deveria fixar mais nitidamente o funcionamento dessa correção. Mas eu creio que estar lá é importante, nós podemos desenvolvê-la, mas eu quero valorizar a transparência e valorizar essa ideia da autorregulação regulada”.

“Considero que nós temos que olhar com calma a questão de moderação das plataformas, porque as plataformas já fazem moderação hoje baseadas no sistema de uso. Se a gente abre mais hipóteses para as plataformas fazerem moderação, é preciso tomar cuidado, para não criarmos um sistema de censura privada”.

Orlando Silva também apontou que a Câmara deve “revisar a composição do conselho”, que produzirá relatórios e centralizará as informações sobre a disseminação de fake news, “a sua competência e as suas atribuições”.

Segundo ele, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), quer que a matéria seja apreciada com urgência, “mas ele salientou que a urgência não é sinônimo de atropelo”.

“A urgência é em enfrentar a desinformação, que virou um drama. Uma coisa é nós vivermos no mundo da desinformação, que tem impacto, por exemplo, na política”.

“Isso é grave e pode envolver o espaço público. Combater a desinformação é importante até para salvar vidas”, continuou.

Moro diz que Bolsonaro o usou para fingir ação anticorrupção



Isac Nóbrega/PR

Sérgio Moro, ex-ministro da Justiça e ex-juiz responsável pela Operação Lava Jato

Marinho dá detalhes do vazamento da “Furna da Onça” que alertou Flávio

Queiroz saiu do gabinete no dia seguinte da reunião em que houve o vazamento. Sua filha foi exonerada no mesmo dia do gabinete de Jair Bolsonaro em Brasília. Alguns dias depois, Queiroz, mesmo já fora, demitia também a mãe do miliciano Adriano da Nóbrega

A divulgação pela Rede Globo, na sexta-feira (24), de trechos de imagens do depoimento do empresário Paulo Marinho, ex-apoiador de Jair Bolsonaro, no inquérito que investiga se houve vazamento de informações sigilosas da Operação Furna da Onça, não deixa dúvidas de que houve informações dadas a Flávio Bolsonaro entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

Marinho fala de uma reunião no dia 13 de dezembro de 2018, na casa do empresário. E reproduz o que ouviu de Victor Granado, amigo de infância de Flávio, sobre a dinâmica para receber informações vazadas de um delegado da PF. Disse que a primeira tentativa se deu por telefone.

Ele relata que Flávio Bolsonaro escolheu três pessoas que trabalharam com ele para pegar a informação com um delegado da PF: Victor Granado, amigo de Flávio; Valdenice Meliga, ex-assessora; e Miguel Angelo Braga, atual chefe de gabinete de Flávio.

“O Braga fala com o Flávio, o Flávio designa então que o Braga, o Victor e a Val fossem ao encontro dessa pessoa para saber do que se tratava. E aí fizeram contato e marcaram um encontro na porta da Polícia Federal. Este suposto delegado disse aos três ou disse ao Braga: ‘Você, quando chegarem, me telefonem que eu vou sair de dentro da Superintendência, até para você ver que sou um policial que estou lá dentro, e lá fora a gente conversa’”, afirmou Marinho.

O empresário disse que Victor, então, conta que o delegado antecipou a Operação Furna da Onça. E vazou outra informação: que a operação não seria deflagrada no mês da eleição de 2018 para não atrapalhar.

“E aí esse delegado disse a eles: ‘Essa operação vai alcançar o Queiroz e a filha dele. Estão no seu gabinete e no gabinete do seu pai. Tem movimentação bancária e

Partidos pedem CPML para investigar porquê o governo reteve 71% da verba contra a Covid

Após um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) apontar que o governo federal deixou de gastar 71% da verba prevista para o enfrentamento da Covid-19, os partidos Cidadania, PDT, PSB, PV e Rede Sustentabilidade cobraram a instalação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) destinada a apurar o direcionamento dos recursos destinados ao combate da pandemia.

Em nota divulgada na quinta-feira (23), os partidos também orientaram suas bancadas no Congresso Nacional a procurar outras legendas para levantar as assinaturas necessárias para solicitar que os presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados, Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia, respectivamente, determinem o início das investigações.

O relatório do TCU demonstra que a gestão Jair Bolsonaro empregou apenas R\$ 11,4 bilhões dos R\$ 38,9 bilhões que deveriam ser

financeira suspeita. E nós estamos aqui... eu estou... eu sou simpaticante do seu pai, do Bolsonaro, e vamos tentar não fazer essa operação agora entre o primeiro e o segundo turno para não criar nenhum embaraço durante a campanha”.

Como disse que a operação não iria acontecer para não criar nenhuma dificuldade, eventualmente, pela narrativa que a operação ia trazer, pela presença do Queiroz e da filha”, acrescentou o empresário.

“Porque logo após o encontro, Queiroz e filha são demitidos, tá certo? Então, Flávio deve ter informado ao pai, e o pai, imediatamente, mandou demitir”, completou Marinho.

Em outro momento, o empresário contou que Victor Granado, amigo de Flávio, relatou que obrigou Fabrício Queiroz a passar as senhas do banco após saber que ele seria mencionado na Operação Furna da Onça. “Aí o Victor começou o relato. Disse: ‘Olha, eu ontem estive com o Queiroz e eu obriguei o Queiroz a me repassar todas as senhas das contas bancárias dele, e eu passei essa madrugada toda entrando nas contas do Queiroz e os montantes que eu descobri, informei agora de manhã para o Flávio, são muito superiores a esses que a imprensa está noticiando. Inclusive, porque esses se referem a anos anteriores a esses que a imprensa está noticiando”.

“Quando ele relata que deu, que teve acesso a contas do Queiroz e que ficou estarecido porque os valores eram muito superiores”, diz Marinho.

O Ministério Público, então, pergunta: “A esse R\$ 1,2 milhão?”. E Marinho responde: “A esse R\$ 1,2 milhão.” Realmente, os valores, segundo o próprio Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras), passavam dos R\$ 1,2 milhão referentes ao período de 2016 a 2017 e atingiram R\$ 7 milhões, quando a análise retrocedia a 2014.

De acordo com o de-

Ex-ministro disse que “uma das razões para eu sair do governo foi que não estava se fazendo muito” contra a corrupção

O ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, disse que o governo Bolsonaro estava “usando minha presença como desculpa” de que estava combatendo a corrupção, mas na verdade “não estava se fazendo muito”.

Segundo ele, “uma das razões para eu sair do governo foi que não estava se fazendo muito” para combater a corrupção. “A agenda anticorrupção tem sofrido reveses desde 2018”.

Em entrevista ao jornal britânico Financial Times, Sérgio Moro voltou a comentar a tentativa de Jair Bolsonaro de interferir politicamente na Polícia Federal.

“Ele mudou o diretor da Polícia Federal sem pedir minha opinião e sem uma boa causa. Não acho que dá para combater corrupção sem respeitar a lei e a autonomia das instituições que investigam e denunciam crimes”, disse.

A acusação de interferência na PF foi feita por Moro na coletiva de imprensa em que anunciou sua saída do governo. Ele também contou que na última reunião ministerial em que esteve presente, feita no

Bolsonaro entra com ação para liberar milicianos digitais que atacam o STF

Jair Bolsonaro ingressou neste sábado (25) com um ação no STF (Supremo Tribunal Federal) para reverter a decisão do ministro Alexandre de Moraes que suspendeu contas no Twitter e no Facebook de milicianos digitais que usaram as redes sociais para denegrir e ofender a honra de personalidades, além de ameaçar integrantes do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele informou da decisão aos seus seguidores através do facebook.

“Agora às 18hs, juntamente com a AGU, entrei com uma ADIn no STF visando ao cumprimento de dispositivos constitucionais. – Uma ação baseada na clareza do Art. 5º, dos direitos e garantias fundamentais.”, escreveu Bolsonaro, em seu perfil no Facebook.

Conforme a mensagem, Bolsonaro instrumentalizou a Advocacia Geral da União (AGU) para defender um grupo de seguidores seus que cometeram delitos graves contra a democracia e as instituições. Eles são investigados no inquérito das fake sobre ameaças e disseminação de notícias falsas contra integrantes do STF nas redes sociais.

O ex-deputado Roberto Jefferson, condenado por corrupção, ameaçou diretamente os integrantes STF portanto uma metralhadora. “Bolsonaro, para atender o povo e tomar as rédeas do governo, precisa de duas atitudes inadiáveis: demitir e substituir os 11 ministros do STF, herança maldita. Precisa cassar, agora, todas as concessões de rádio e TV das empresas concessionárias GLOBO. Se não fizer, cai”, disse Roberto Jefferson.

Uma decisão sobre o bloqueio já havia sido dada em maio. Na quarta (22), Moraes expediu nova decisão, reiterando a anterior e impondo multa de R\$ 20 mil por perfil indicado e não bloqueado em 24 horas pelas plataformas. O despacho pode ser lido na íntegra abaixo. Figuras como o ex-deputado Roberto Jefferson (PTB), Sara Giromini (conhecida como Sara Winter), o blogueiro Allan dos Santos e

Montagem/HP



Entre eles os milicianos Roberto Jefferson e Sara Giromini

Após Bolsonaro ser derrotado, PEC do Fundeb vai para Senado

Somente sete bolsonaristas votaram contra o projeto que amplia o repasse da União à Educação Básica

A aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 15/15, que torna permanente o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), na Câmara dos Deputados, representou uma grande e importante derrota do governo Bolsonaro, que defendia que estados e municípios não tivessem recursos para a Educação no ano de 2021.

A PEC foi enviada para o Senado, onde será relatada pelo senador Flávio Arns (Rede-PR).

O Fundeb é a principal fonte de recursos da educação básica, respondendo por mais de 60% do financiamento de todo o ensino básico do país, etapa que vai do infantil ao ensino médio. O fundo é composto por percentuais das receitas de vários impostos. Atualmente, cerca de 40 milhões de estudantes da rede pública são atendidos pelos recursos do financiamento.

A votação na Câmara aprovou o parecer da deputada Professora Dorinha (DEM-TO), relatora da matéria, que aumenta gradualmente a participação da União no fundo, de 10% para 23%, nos próximos seis anos, sendo que 5% serão aplicados na educação infantil, diferente do que o governo queria.

Bolsonaro tentou adiar a data de início do novo Fundeb para 2022, quis que dos dez pontos percentuais de aumento da participação da União, metade fosse para transferência direta de renda para famílias situação de pobreza ou extrema pobreza, ou seja para financiar o Renda Brasil, que ainda não foi criado, propôs que o fundo pudesse destinar recursos para a iniciativa privada da Educação e ainda tentou fazer com que o pagamento de aposentadorias e pensões tivesse o teto de 70% dos recursos do Fundeb. Foi derrotado em absolutamente todas essas medidas.

O projeto aprovado eleva para 12,5% a complementação da União no fundo em 2021, 15% em 2022, 16,5% em 2023, 18% em 2024, 19% em 2025 e 20% em 2026. Atualmente, o governo federal aporta no Fundeb 10% da contribuição total, enquanto, estados e municípios arcam

com 90%.

Agora, o Fundeb determina que pelo menos 70% dos recursos sejam destinados para pagamento dos profissionais da educação. Até a votação, o percentual mínimo era 60%.

Entretanto, os sete votos contrários ao projeto Bia Kicis (PSL-DF), Chris Tonietto (PSL-RJ), Filipe Barros (PSL-PR), Junio Amaral (PSL-MG), Luiz Philippe Orleans e Bragança (PSL-RJ), Marcio Labre (PSL-RJ) e Paulo Martins (PSC-PR) deixaram evidente a posição do núcleo bolsonarista.

Bolsonaro tem buscado usar a aprovação do Fundeb como uma vitória do governo, quando foi o contrário. A proposta tem sido construída há anos, e o governo federal se absteve do debate desde o início da gestão. Só no final, quando a proposta já estava construída, tentou entrar na discussão apresentando uma proposta que foi duramente criticada.

Questionado por apoiadores sobre seus aliados que votaram contra a proposta, Bolsonaro disse: “Os que votaram contra, devem ter seus motivos. Tem que perguntar para eles porque votaram contra. Agora, alguns dizem que a minha bancada votou contra. A minha bancada não tem seis ou sete (deputados) não. A minha bancada é bem maior que essa daí”, afirmou tentando se esquivar.

Após a aprovação do novo Fundeb, de acordo com que desejavam a ampla maioria dos partidos, entidades estudantis, sindicatos de reitores e professores, e associações da sociedade civil voltadas para a Educação, até mesmo os ministros do governo Bolsonaro admitiram a derrota do governo.

Durante uma reunião reservada, os erros e atropelos do governo na condução da negociação com a Câmara dos Deputados durante a votação do Fundeb foram elencados pelos ministros. Sob anonimato, um deles afirmou para a jornalista Andréia Sadi, que Bolsonaro “tomou um baile” do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), em referência à atuação do presidente da Câmara, que conduziu a articulação para a aprovação da proposta.

Artista plástica Tereza Costa Rêgo morre em Pernambuco

Faleceu na manhã deste domingo (26), aos 91 anos, a artista plástica Tereza Costa Rêgo, um dos maiores nomes das artes plásticas do Brasil. O falecimento ocorreu na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Santa Joana, em Recife, capital de Pernambuco.

Um dos maiores nomes da arte modernista em Pernambuco, a pintora estava em casa quando, durante a madrugada de sábado (24), sofreu um acidente vascular cerebral (AVC).

“Elas só mostraram o quão querida ela era por todos. Devemos sempre lembrá-la com amor, gratidão, alegria e saudade por tudo o que Tereza nos proporcionou em vida. Neste momento de dor e profunda tristeza, a família pede aos amigos e amigas, sensíveis compreensões para que ela possa, nos seu convívio, superar a imensurável perda”, afirma a nota da família de Tereza.

Para o governador pernambucano, Paulo Câmara, é “impossível dimensionar em palavras a importância da sua obra para o nosso Estado e para o Brasil”. “O cenário artístico e cultural de Pernambuco ficou menor com a morte de Tereza Costa Rêgo”, disse Câmara.

Para o governador, “Tereza era, acima de tudo, uma artista plástica de corpo e alma, que traduzia com beleza e perfeição seus sentimentos nas telas, retratando ali o imaginário popular, nossas lutas libertárias, a força da mulher, paisagens de Olinda e Recife e tantas outras figuras da nossa cultura. Tereza, certa vez, afirmou que ‘pintaria até não poder mais’, e assim o fez. Sua partida fará uma imensa falta à arte brasileira. Quero me solidarizar com todos os seus familiares, amigos e admiradores neste momento de profundo pesar”.

A vice-governadora de pernambucana, Luciana Santos, também lamentou a morte da artista:

“Os vermelhos perderam alguns tons de intensidade, neste domingo tão triste, em que Tereza Costa Rêgo se despede de nós. Deixa uma lacuna irreparável no cenário das artes plásticas no país e um lamento imensurável em nosso peito. A história de Tereza é um relato contínuo de paixão pela vida, pela liberdade, pela arte e pelo direito de ser mulher em toda sua plenitude. Uma lutadora em defesa da democracia, da justiça e de um mundo pautado pela oportunidade e pelo respeito. O PCdoB tem orgulho de ter algumas de suas páginas escritas pelo caminhar de Tereza, que ao lado de Diógenes Arruda, doou energia, tempo e coragem a resistência à ditadura e a construção do nosso partido em tempos tão difíceis. Todos nós, que convivemos com ela, nos sentimos honrados pela presença afetuosa, carismática e generosa e é com grande pesar que assistimos sua partida. Seu espírito jovial, sua arte inconfundível e sua memória vibrante seguirão conosco nos acolhendo e inspirando sempre. A Tereza, Joana, André, Daniel e demais familiares de nossa querida Tereza Costa Rêgo, meus sentimentos e meu abraço solidário.”



Tereza Costa Rêgo junto ao seu quadro 'Eva Arrependida'



Votação da PEC 15/15 representou grande vitória contra o bolsonarismo

Vacina chinesa poderá ser distribuída pelo Instituto Butantan a partir de janeiro

O governador João Doria (PSDB) afirmou que a vacina do laboratório chinês Sinovac Biotech contra o coronavírus, que está na terceira fase de testes em conjunto com o Instituto Butantan, deverá ser distribuída gratuitamente em massa a partir de janeiro de 2021.

“A quantidade necessária para iniciar a imunização da população brasileira, pode ser aplicada já no início de janeiro com o SUS, com aplicação gratuita em toda população. A melhor notícia que poderíamos ter é a vacina”, disse Doria em entrevista concedida à Rádio Itatiaia.

A estimativa de Doria é que a ‘Coronavac’ deve obter autorização para distribuição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) até os primeiros dias de dezembro. Os testes da fase 3, realizados em 9 mil voluntários pelo país, devem ser concluídos em outubro e a produção, pelo Instituto Butantan, deverá ser iniciada em seguida.

“Abril do ano que vem já teremos, com toda segurança, a imunização e a tranquilidade que as pessoas poderão celebrar festas, atividades, eventos musicais ou esportivos,



Início dos testes foi acompanhado pelo governador

sem risco para sua saúde ou sua vida”, disse Doria.

No início dos testes nos profissionais de saúde, o governador paulista anunciou que o Instituto Butantan, que coordena a pesquisa de uma vacina desenvolvida em parceria com o Sinovac, deverá produzir 120 milhões de unidades da vacina.

“É um fato extraordinário. Não há importação da vacina, o instituto Butantan estará produzindo aqui a vacina contra o coronavírus. É a mensagem da esperança diante de um quadro tão grave e tão difícil quanto este da pandemia que se abateu sobre o Brasil e outros 215 países do mundo”, afirmou Doria.

IMUNIZAÇÃO

O diretor do Instituto

Butantan, Dimas Covas, explicou que as 120 milhões de doses serão suficientes para imunizar 60 milhões de brasileiros (caso a eficácia do medicamento seja comprovada).

De acordo com o especialista, o programa de vacinação deve seguir alguns protocolos já conhecidos para a aplicação de medicamentos do tipo no Brasil.

Neste entendimento, serão os primeiros a receber a vacina os pacientes de grupos de risco como idosos, pessoas com comorbidades, profissionais da linha de frente para o combate da doença, entre outros. A decisão final de como será o protocolo, ressaltou Covas, caberá ao Ministério da Saúde.

Falece aos 88 anos, Sérgio Ricardo, ícone da música popular brasileira

O cantor e compositor Sérgio Ricardo morreu na manhã desta quinta-feira (23), aos 88 anos, no Hospital Samaritano, na Zona Sul do Rio. Sua filha, Adriana, informou que a causa oficial da morte foi insuficiência cardíaca.

Sérgio Ricardo estava com sua saúde fragilizada desde outubro do ano passado quando fraturou o fêmur. Internado há quatro meses, o compositor chegou a contrair a Covid-19 no hospital, mas se recuperou deste quadro e já estava completamente curado da doença.

Nascido em 18 de junho de 1932, em Marília, no interior de São Paulo, João Lutfi, como foi batizado, começou a estudar música ainda menino. Anos mais tarde, ele adotou o nome artístico de Sérgio Ricardo e participou de vários movimentos culturais importantes do país como a Bossa Nova e o Cinema Novo. É autor de músicas memoráveis como “Calabouço”, “Esse mundo é meu” e “A praça é do povo”.

Em 1960, gravou o LP “A Bossa Romântica de Sérgio Ricardo”. Em 1962, participou do histórico Festival de Bossa Nova, no Carnegie Hall de Nova York (EUA), ao lado de Carlos Lyra, Tom Jobim, Roberto Menescal, João Gilberto e Sergio Mendes, entre outros.

Ao lado de Chico de Assis, Sérgio Ricardo participou do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC-UNE) e do Teatro de Arena.

Em 1964, lançou o filme “Esse Mundo é Meu”, com



Artista foi responsável pela trilha sonora de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber Rocha

atuação do próprio Sérgio em paralelo a Antonio Pitanga, e com montagem de Ruy Guerra. O filme foi considerado como um dos mais importantes do ano pelo crítico Luc Moullet, da revista francesa especializada Cahiers du Cinéma.

Responsável pela trilha sonora de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), de Glauber Rocha, um dos mais importantes filmes do cinema nacional, o trabalho lhe rendeu o prêmio de melhor trilha para cinema pela Comissão Estadual de Cinema de São Paulo. Em 1966, compôs sobre piano a trilha de Terra em Trãse, também de Glauber.

Em 1967, lançou o disco “A Grande Música de Sérgio Ricardo” (Philips), contendo composições inéditas e trilhas que fizera para Glauber Rocha, Chico de Assis e Joaquim Cardozo.

O músico também ficou conhecido por um episódio polêmico. Durante sua participação no 3º Festival de

Música Popular Brasileira, da TV Record de São Paulo, em 1967, Sérgio Ricardo quebrou seu violão e jogou na plateia após ser vaiado pelo público, cantando “Beto Bom de Bola”. “Vocês não estão entendendo nada”, criticou Sérgio sob as vaidas do público.

A cena é mostrada no documentário “Uma Noite em 67” (2010).

Em 1968, estreou a peça “Sérgio Ricardo na Praça do Povo”, dirigida por Augusto Boal.

Já em 1969, Sérgio trabalhou na trilha do filme “O Auto da Compadecida” (George Jonas), baseado na peça de Ariano Suassuna, e no ano seguinte, lançou o EP “Terra dos Brasis” com músicas criadas para o filme homônimo de Maurice Capovilla. No mesmo ano, ele iniciou os trabalhos para o seu segundo longa-metragem, “Juliana do Amor Perdido”.

O filme venceu duas Corujas de Ouro por melhor música e melhor fotografia, concedidas pelo Instituto Nacional do Cinema, em 1970.



Ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, no pronunciamento onde macaqueou, Joseph Goebbels, da propaganda nazista

Relatório que aponta o antissemitismo do governo Bolsonaro irritou Wajngarten

O secretário-executivo do Ministério das Comunicações, Fabio Wajngarten, se mostrou inconformado com o relatório do Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil “Henry Sobel” intitulado “O Antissemitismo Durante o Governo Bolsonaro”, lançado no dia 21.

E o que mostra seu Twitter, no qual ele exigiu, por exemplo, do Observatório, como suposta questão de coerência, posicionamentos sobre eventos governamentais de 2006 a 2014, quando o mesmo ainda não existia. Aliás, ele mesmo, mais adiante, mostra conhecer que a entidade foi fundada em 2019.

Wajngarten também demonstrou irritação com o jornal O Globo que publicou uma matéria sobre o lançamento: “Aumentam denúncias de antissemitismo no Brasil e pandemia acentua tendência”, detalhando elementos trazidos pelo Observatório. Na matéria do jornal, se afirma: “Documento do Observatório de Direitos Humanos Henry Sobel mostra que relatos aumentaram durante governo Bolsonaro; entidade destaca influência de discurso oficial que flerta com totalitarismo”.

O secretário recrimina O Globo pela publicação dizendo que o jornal não poderia “cometer a leviandade de fazer estardalhaço com algo que não se sustenta”.

O lançamento do relatório aconteceu através de um evento virtual e teve mais de 500 participações.

O relatório traz uma tabela com 26 casos de referências preconceituosas a judeus ou de cunho neonazista em 2019 e outros 30 só nos primeiros meses de 2020. Traz também respectivos links registrando estas manifestações, além de uma iconografia comparando elementos gráficos e slogans adotados pelo atual governo e seus integrantes, com os símbolos similares usados no período nazifascista.

O trabalho faz referências a portais, fotos e documentos, para denunciar o crescimento do antissemitismo durante estes meses do governo Bolsonaro e ressalta: “marca destes 18 meses tem sido o recurso a imagens e temas próprios ao nazifascismo, tais como a saudação do braço direito estendido, feita por bolsonaristas à presença do ‘condottiere’ Bolsonaro ou o discurso do ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, copiando estética, trechos e, acima de tudo, os conceitos de ‘cultura pura e nacional’, em um pastiche de Joseph Goebbels, o sinistro ministro nazista da Propaganda”.

O documento reproduz ainda um alerta da organização Safernet, que monitora manifestações nazistas em todo o mundo e que afirma ser “inegável que as reiteradas manifestações de ódio contra minorias por membros do Governo Bolsonaro têm empoderado as células neonazistas no Brasil”.

Em redes sociais, também se sucederam ataques à autora da matéria do O Globo, a jornalista Carolina Mazzi.

O Observatório emitiu nota defendendo o documento, a liberdade de expressão e de imprensa:

“O crescimento do antissemitismo no país, apontado em nosso relatório, é corroborado por pesquisas de entidades que vão da Anti-Defamation League (ADL), dos Estados Unidos ao Centro Kantor, da Universidade de Tel Aviv (Israel), à ONG Safernet, que monitora o neonazismo em todo o mundo e a pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)”.

A nota repele a atitude hostil do secretário do Ministério das Comunicações, que apesar de se colocar como “de religião judaica”, se preocupa mais em tentar desqualificar as denúncias do que com sua gravidade e destaca que “o objetivo maior de nosso relatório é que todos, sociedade civil e Poderes Públicos, ao invés de se insurgirem contra as denúncias, cumpram seu papel, combatendo o flagelo do antissemitismo e do racismo, e a degradação dos direitos humanos, de todos os humanos, no Brasil”.

E conclui: “permaneceremos firmes em nossas convicções, ao lado de todos os que lutam por um Brasil mais justo”.

Renault demite 747 no Paraná e metalúrgicos entram em greve



Funcionários aprovaram a greve em assembleia na porta da fábrica



Enormes filas voltaram a se formar nas agências da Caixa após bloqueios. Caixa bloqueia contas do auxílio emergencial e faz população voltar às filas nas agências

Depois dos inúmeros problemas que os beneficiários do auxílio emergencial tiveram para ter o dinheiro liberado, o último agora é o anúncio feito pela Caixa de que suspendeu milhões de contas digitais por "suspeita de fraude".

O presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, afirmou nesta terça-feira (21), em entrevista ao portal InfoMoney, que aproximadamente 5% (cerca de 3 milhões dos 65 milhões) das contas movimentadas pelo aplicativo Caixa Tem foram suspensas.

Segundo o presidente do banco, muitas dessas pessoas foram afetadas por esses bloqueios e, nesse caso, essas pessoas "devem pedir o desbloqueio pessoalmente nas agências da Caixa".

"Quando a pessoa vai à agência e mostra que é ela mesma, nós liberamos, o que vai causar alguma lentidão na liberação", afirmou Guimarães. "Nosso sistema demora cerca de três minutos nes-

se processo de liberação, mas temos centenas de pessoas na fila. Então pode demorar alguns dias, mas os trabalhadores receberão os valores", disse.

Segundo Guimarães, as fraudes foram identificadas no início do cadastramento quando a Caixa permitiu que um celular abrisse mais de uma conta, como aconteceu com milhões de brasileiros que não possuem um telefone celular. Segundo ele, isso foi o "cerne da fraude".

Com a medida, longas filas voltaram a se formar em frente às agências da Caixa Econômica Federal. Essas filas de pessoas que tentam desbloquear as contas se somam a de outras milhares de pessoas que relatam outros problemas para conseguirem resgatar seus benefícios, que têm sido uma constante desde o início do programa.

"Há três meses que eu não consigo receber. Eu já vim umas três vezes e ainda não consegui desbloquear o aplicativo", contou Gildo Santos à reportagem

do G1, que chegou à agência da Caixa de Bonsucesso, no subúrbio do Rio, nas primeiras horas da manhã desta quarta-feira.

Outra que também está com problemas é Simone, que estava na fila acompanhada da filha de 5 anos. "Tô há 3 dias aqui. Bloquearam o Caixa Tem. Ai deu problema no código e vim resolver", contou.

Em Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, às 6h, pelo menos 50 pessoas já aguardavam em frente ao banco.

"Eu recebi a minha primeira parcela, mas a minha segunda parcela foi uma fraude que fizeram através de uma Caixa Tem que eu nunca tive o aplicativo e fizeram compra através do Carrefour. E eu não tô conseguindo receber nem a minha terceira parcela, nem a segunda, nem a quarta", relatou Nelson, que recebeu mensagem no celular com orientação de que fosse a uma agência da Caixa, já que seu pagamento foi bloqueado.



'Unir o movimento sindical em defesa dos direitos e da democracia', defende CTB

A urgência da construção de uma ampla frente de combate ao governo Bolsonaro, a luta pela reativação da economia e o fortalecimento da unidade do movimento sindical e dos movimentos sociais em torno da democracia e da abertura de novas perspectivas para os trabalhadores foram os principais pontos defendidos pela Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) na videoconferência que reuniu a direção nacional da entidade no último dia 24.

"A CTB reafirma seu compromisso de lutar pelo fortalecimento do Fórum das Centrais, pugnar pela unidade com organizações, movimentos, personalidades democráticas e todos aqueles que não aceitam o desvario autoritário do governo Bolsonaro", diz a resolução aprovada pela Central.

Segundo o documento, "o governo Bolsonaro tem grande responsabilidade pela tragédia sanitária do país, ao se omitir da coordenação do combate à pandemia e contrariar todas as medidas de prevenção orientadas pela Organização Mundial da Saúde".

"O saldo dramático é que o Brasil ocupa o segundo lugar no número de mortos com a Covid-19, com mais de 85 mil óbitos até o momento".

A resolução denuncia que além da crise sanitária, "o país vê a economia afundar ainda mais" e cita os 12,8 milhões de desempregados, os 28,7 milhões no subemprego e os 43% das famílias brasileiras sobrevivendo com o auxílio emergencial e mais de meio milhão de micro e pequenas empresas fechadas só a partir do período da pandemia".

"Nestas circunstâncias, mais do que nunca é imperiosa a luta pela construção de uma ampla frente de combate ao governo de extrema-direita, premissa para salvar o Brasil do caos e abrir novas perspectivas para os trabalhadores e trabalhadoras. Ênfase deve ser dada para a reativação da economia, injetando dinheiro novo na economia, com expansão da base monetária, taxando grandes fortunas e outras medidas de redução dos ganhos abusivos do setor financeiro", afirma o documento.

Segundo a CTB, "a luta dos trabalhadores e trabalhadoras, do povo e de todas as forças democráticas cresce e conquista vitórias importantes. No parlamento, destaque para a recente aprovação, na Câmara Federal, do novo Fundeb, a ampliação dos valores e do prazo de vigência do auxílio emergencial, inclusive com a incorporação dos agricultores familiares no rol dos beneficiários, a caducidade da MP 927/2020 e a redução de danos em outras medidas contrárias aos direitos da classe trabalhadora".



Sem salários, funcionários da Saúde entram em greve no Rio

Após meses de salários atrasados, enfermeiros e técnicos terceirizados do Rio de Janeiro entraram em greve nesta quinta-feira (23). Mesmo em meio à pandemia do coronavírus, alguns profissionais estão trabalhando sem salário há quatro meses.

A falta de pagamento dos profissionais terceirizados da Saúde do Rio se dá em meio à troca de Secretários de Saúde e denúncias de corrupção envolvendo organizações sociais, como a Iabas, que segundo o Ministério Público do Rio de Janeiro, foi criada para lavar dinheiro público e está sendo investigada por "pagamentos superfaturados de equipamentos e desvio de R\$ 6,5 milhões de recursos do Estado".

Hoje pela manhã, os funcionários de algumas unidades de saúde fizeram manifestações na tentativa de sensibilizar o governo do Estado e os administradores das organi-

zações sociais para a situação insustentável da categoria.

"O governador não é sensível com a luta dos trabalhadores, o secretário de Saúde também não, a Secretaria de Saúde não tem se empenhado para resolver a questão do salário, do pagamento desses trabalhadores, então não tem outra alternativa a não ser decretar uma greve, foi o último recurso que se arrumou", disse a representante do Sindicato dos Enfermeiros, Mônica Armada.

Conscientes da grave situação da saúde no Rio, a categoria organizou a greve com 50% dos profissionais trabalhando, enquanto a outra metade trabalha em regime de escala de revezamento.

Segundo os organizadores, a paralisação é por tempo indeterminado. "A gente só volta quando os salários de todos os trabalhadores forem pagos", afirmou a enfermeira Mônica.

Justiça afasta 989 funcionários de frigorífico da JBS no Rio Grande após surto de coronavírus

A Justiça do Trabalho ordenou o afastamento de todos os 989 funcionários da JBS na cidade de Três Passos, Noroeste do Rio Grande do Sul (RS), por um período mínimo de 14 dias, após denúncia de feita pelo Ministério Público do Trabalho (MPT). A decisão foi assinada pelo desembargador do Tribunal Federal do Trabalho da 4ª Região Marcelo, José Ferlin D'Ambrósio, na quinta-feira (16), após 408 pessoas testarem positivo para Covid-19, cerca de 41% dos funcionários.

O desembargador determinou ainda que a Polícia Federal apure possíveis crimes de desobediência, já que a empresa não cumpriu determinações para garantir a segurança dos trabalhadores. Segundo o MPT, a JBS

não cumpriu orientações de distanciamento entre trabalhadores, nem submeteram os trabalhadores a testagem. Dada a falta de ações preventivas, o Sistema Público de Saúde da região verificou um aumento significativo de novos casos entre os trabalhadores da empresa, razão pela qual o

MPT determinou que os funcionários passem por novas testagens.

"Estudos científicos têm sido divulgados em toda a mídia de que o interior do Estado está sofrendo aumento da taxa de contágio por focos de contaminação nos frigoríficos", ressalta o magistrado, na sentença.



Multinacional desrespeitou as negociações em andamento e anunciou as demissões

Os trabalhadores metalúrgicos da Renault aprovaram greve por tempo indeterminado, na terça-feira (21). A assembleia na porta da fábrica de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, decidiu pela paralisação após a montadora ter anunciado a demissão de 747 trabalhadores da unidade, além do fechamento do terceiro turno.

De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC), o aviso veio antes do prazo de 72h aprovado na última sexta-feira (17), quando os trabalhadores rejeitaram a proposta da empresa que pretendia desligar 800 funcionários. Logo após foi aprovado um prazo de 72h para empresa voltar a negociar com o Sindicato, o que não aconteceu, segundo a entidade.

O presidente do SMC, Sérgio Butka, ressaltou que os trabalhadores ma-

nifestaram seu "repúdio pela forma que esta empresa está agindo mesmo recebendo incentivos fiscais do governo do estado para gerar e também manter empregos. Infelizmente não é o que a direção atual desta planta está pensando".

Diante da postura da montadora, o SMC liderou uma assembleia na porta de fábrica e colocou em votação o encaminhamento de greve por tempo indeterminado. A decisão foi aprovada por unanimidade.

Butka afirma que, enquanto a empresa não voltar a negociar com o Sindicato para reverter a situação a mobilização vai continuar. "Os trabalhadores continuarão lutando para que se consiga uma relação capital/trabalho mais harmoniosa", completa o sindicalista.

A unidade brasileira da Renault empregava até o momento 7.300 trabalha-

Centrais manifestam apoio à greve

As centrais sindicais publicaram nota conjunta em solidariedade à greve dos metalúrgicos da Renault que iniciou quarta-feira (22) após a empresa anunciar a demissão de 747 trabalhadores em São José dos Pinhais (PR).

As demissões foram anunciadas após a categoria rejeitar a proposta da empresa que previa plano de incentivo ao desligamento dos trabalhadores, porém sem nenhuma tentativa de continuar as negociações.

"Repudiamos esta forma intransigente de agir da atual direção da planta da Renault em São José dos Pinhais/PR, pois sabemos que a empresa tem recebido incentivos fiscais do governo do Estado do Paraná exatamente para gerar e manter empregos.", diz a nota.

"Colocamos nos à inteira disposição dos metalúrgi-

cos, liderados por SMC nesta greve, inclusive com manifestações nas lojas revendedoras da Renault de todo o País para mostrar à sociedade a insensibilidade social da empresa, principalmente neste sério momento de pandemia, em que as perdas de emprego e de renda são ainda muito mais preocupantes e podem levar famílias inteiras a riscos sociais muito graves", conclui a nota.

Assinam a nota a Força Sindical, Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCST), União Geral dos Trabalhadores (UGT), Central do Servidor (Pública), Intersindical e Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB).



7,1 milhões de trabalhadores afastados ficaram sem nenhum salário em junho, aponta IBGE

O resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Covid-19 (Pnad Covid-19), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que a crise agravada pela pandemia do novo coronavírus — e a falta de planejamento e ação do governo federal — deixou 7,1 milhões de trabalhadores sem nenhuma espécie de remuneração, no mês de junho.

Apesar do número ser menor do que o registrado em maio (quando 9,7 milhões estavam sem renda), ainda corresponde a quase metade do total de pessoas que estão afastadas do trabalho. Cerca de 14,8 milhões de trabalhadores estavam afastados de suas atividades laborais em junho, o equivalente a 48,4% dos 83,4 milhões de trabalhadores do país.

De acordo com a pesquisa, a taxa de desocupação chegou a 12,4% em junho, "um aumento de 1,7 ponto

percentual em relação a maio (10,7%)". Como reflexo da flexibilização da quarentena em muitos estados e municípios, o afastamento do trabalho entre os empregados com carteira assinada caiu de 18,6% em maio para 14,2% em junho.

O diretor adjunto de pesquisa do IBGE, Cimar Azeredo, afirma que esse aumento na desocupação tem relação direta com a flexibilização do distanciamento social. "Isso implicou no aumento da população na força trabalho, já que o número de pessoas que não buscavam trabalho por causa da pandemia reduziu frente a maio. Elas voltaram a pressionar o mercado", afirmou o diretor adjunto de Pesquisas.

A pesquisa não é comparável com os dados da Pnad Contínua, ferramenta oficial de medidas de emprego e desemprego, por conter metodologias de pesquisa distintas.

Especialistas discutem por que a Covid-19 continua a matar mil brasileiros por dia

Luis Humberto Carrijo entrevistou cientistas em uma live cujo tema foi “A vigilância Epidemiológica e a Inteligência Geográfica para suprimir a transmissão do Coronavírus”. A discussão se concentrou na análise da situação da pandemia, que se apresenta neste momento com cerca de 40 mil novos casos de infectados pelo coronavírus diariamente, e que mata cerca de mil pessoas no Brasil em média

Participaram da discussão o epidemiologista, ex-secretário de Saúde do Rio e professor da Escola Nacional de Saúde Pública e da Fiocruz, **Eduardo Costa**, o geógrafo e professor da UnB, mestre em Geociências e Meio Ambiente, **Edilson de Sousa Bias**, o doutor em Saúde Pública e professor do Programa de Pós Graduação da Escola Superior em Ciências da Saúde do Distrito Federal, **Roberto Bittencourt**, e o professor **Paulo Angelo Alves Resende**, matemático e doutor em Ciências da Computação e Coordenador do Observatório da Covid-19 da UnB

Luis Humberto Carrijo: Essa política de isolamento social que o Brasil adotou, de forma atabalhoada, sem uma liderança nacional, com muita desentendimento e confusão entre governos estaduais e municipais e o governo federal. Vemos antes da federação ora flexibilizando, ora mais restritivos. Esse isolamento social não está levando em conta as condições socioeconômicas da maioria da população que tem limitações de mobilidade, de moradia, que não consegue fazer esse isolamento social. Ao mesmo tempo vemos essa curva de infectados aumentando, da mesma maneira que o número de mortos. Nos dá a impressão que estamos num isolamento às cegas? Fazemos então a pergunta, existe uma luz no fim do túnel? Como é o modelo de vigilância epidemiológica que vocês propõem?

Eduardo Costa: O Brasil não começou as suas atividades de controle de uma maneira, que a gente pudesse dizer, minimamente planejada. Isso pode ser um erro habitual. É difícil nas situações iniciais um pouco desconhecidas, como muitas coisas ainda são. Na verdade o que houve é que o país se agarrou a uma única atividade central que dizia que devíamos fazer o que a gente chama de isolamento social indiscriminado. Dizia-se através da mídia para cada um se isolar sem uma base epidemiológica. Sem saber se o país inteiro está infectado, se é um estado só, ou seja, qual é a situação. Sempre faltou um pouco de inteligência epidemiológica desde o início.

E a outra coisa que estavam preocupados, que era natural que estivessem, já tinha havido a experiência de outros países, era a precariedade da distribuição de leitos no Brasil, leitos de UTI especialmente, e que seriam necessários. Então começou um trabalho inicial muito concentrado na questão hospitalar de um lado, com assistência médica, que nós sabemos, não altera muito o curso da doença, não tem um efeito na transmissão da doença e também não muda muito o curso da doença. Na verdade essa é uma realidade que a gente tem. Concentrou-se nisso, que eram coisas, com muita importância, do ponto de vista social e humano, mas com pouco efeito no controle da doença.

E o “indiscriminado” estava marcado por um problema. Não dá para todo mundo parar, do ponto de vista social, por uma questão alimentar, as cadeias nutricionais que são necessárias, tem o setor de saúde que precisa sair para atender, você tem algumas atividades essenciais que acabam circulando bastante entre hospitais, os profissionais de saúde com mais de um emprego, circulam e voltam para casa e são fontes de risco. Então tivemos uma disseminação que continua a acontecer por essas atividades essenciais, embora tivéssemos um isolamento geral indiscriminado de pessoas com pouco risco. Os de maiores riscos não foram atendidos adequadamente.

O que aconteceu foi que tivemos uma mitigação da curva com esse isolamento que funcionou. Ele ajudou a mitigar, como se diz por aí, a curva e saímos de um nível inicial de R de 3, para R de 1,4, por aí, em seis semanas. Depois começou uma queda bem mais lenta.

Para enfrentar esse quadro necessitamos de dois instrumentos. Um que é a inteligência epidemiológica para poder fazer o combate no terreno, com os instrumentos que a saúde pública tem, e precisamos também da inteligência geográfica porque precisa localizar,

principalmente num país grande como o Brasil. Tem que correr atrás, identificar onde é que está. Tem que ter informação suficiente para isso.

Na epidemiologia o objetivo de tudo é a supressão da transmissão. Para isso, nós temos que trabalhar nos casos. A partir dos casos, identificar de onde ele pegou, isolar as pessoas que convivem com ele para que também não peguem. Tem que fazer um trabalho epidemiológico que não foi feito. Isso a gente chama de vigilância epidemiológica, que é uma informação para a ação, que é o isolamento das pessoas que tenham contato. Para isso não foi feito um planejamento. O SUS tem capacidade para trabalhar com vigilância epidemiológica, mas não ativou isso. Pelo contrário, mandavam as pessoas para casa, simplesmente, quando era doença leve, nem notificavam de cara, era suspeito, não confirmavam. Voltavam para casa e continuava a transmissão. Se ele era grave, ia para o hospital. Essa é a mudança que tem que ter. Estamos falando nisso há dois meses.

Luis Humberto Carrijo: O senhor acredita que esse modelo foi adotado porque a perspectiva preponderante é um modelo de infectologistas e não epidemiológico?

Eduardo Costa: O nosso campo da epidemiologia, de uma maneira surpreendente, ficou abafado nesse período muito longo desde o começo da epidemia. E ele é chave para o controle. Passou-se a ideia de que você (indivíduo) é responsável por tudo. Não pode sair, não pode se virar, não pode ir onde estão os outros, então cada um por si. Muitas instruções jogadas ao ar e muito pouca atividade mais direta dos serviços de saúde no processo, a não ser na atenção médica hospitalar.

Isso atrasou muito na atuação e isso se refletiu também em não ter testagem. Você precisa procurar o contato, fazer o teste, isolar, os que estiveram dentro do período de incubação, deixar em quarentena para ver como vai evoluir. São coisas simples, que pode ser feitas até por pessoal auxiliar. O contato deve estar referenciado perto da casa dele, onde ele adoeceu eventualmente no trabalho dele.

Eu não disputaria com os infectologistas, mas, os infectologistas não têm a mesma visão do controle a nível populacional. Um infectologista pensa muito mais no controle individual porque ele é basicamente um clínico. Ele pensa na prevenção no nível individual, no seu cliente. O epidemiologista pensa na população inteira porque está é o “seu cliente”. Tem que trabalhar com uma ideia coletiva, e essa é a nossa diferença de abordagem.

Luis Humberto Carrijo: Eu queria jogar essa bola para o dr. Roberto Bittencourt. Quero saber se o sistema de saúde brasileiro tem condições de dar conta da demanda provinda desse modelo de vigilância epidemiológica que seria identificar, rastrear e isolar. O professor Eduardo Costa diz que o SUS dá conta. Você é da mesma opinião e por quê?

Roberto Bittencourt: Eu levantei alguns dados aqui que vou colocar para vocês. Não entrou em campo a atenção básica de saúde. Você perguntou se o SUS daria conta de sustentar uma política de vigilância, um plano de ação com base na vigilância epidemiológica. Eu afirmo de forma categórica que sim. O SUS daria conta de trabalhar um plano com base na vigilância epidemiológica e em inteligência epidemiológica e também com base na inteligência geográfica. Porque eu estou fa-



Como é o modelo de vigilância epidemiológica que vocês propõem? Questiona o jornalista Luis Humberto Carrijo (na foto ao lado) ao entrevistar os cientistas Eduardo Costa, Roberto Bittencourt, Paulo Angelo Alves Resende e Edilson de Souza (fotos no sentido horário de cima para baixo)

lando isso. A vigilância epidemiológica trabalha com três passos. Primeiro, identifica os casos, nós precisamos identificar os casos. Tem 40 mil casos novos por dia no Brasil. Isso se distribui nos estados de uma forma desigual, mas, está em todo o Brasil. Os municípios sabem os novos casos que existem. Os casos são identificados através dos sintomas ou através do teste do swab, que é o único teste razoável de se fazer neste momento, que vai dizer se a pessoa está ou não doente.

O segundo passo é rastrear os contatos. Cada caso novo gera um contato familiar, um contato profissional que precisa ser rastreado e precisa ser identificado para que se proponha dar o terceiro passo. Qual é o terceiro passo? É fazer a quarentena seletiva, a quarentena individual ou o isolamento social seletivo. A pessoa que está infectada deve ser isolada.

Esses três passos, identificar os casos, rastrear os contatos e isolar os infectados pode ser feito pela atenção básica. A atenção básica pode proporcionar isso. Ela pode proporcionar o acompanhamento dos casos. Nós estamos falando de 42,4 mil unidades básicas de saúde. Praticamente todos os municípios do Brasil têm atenção básica. São 35 mil equipes de saúde da família com uma cobertura de 70% da população brasileira. O SUS tem uma equipe de 300 mil agentes comunitários. Essa força que é a força principal do SUS não entrou em campo ainda. Não entrou com o apoio e o planejamento necessários porque tem muita gente brigando como verdadeiros heróis na atenção básica, lutando contra a pandemia. Esta ação não está sendo o principal elemento para impedir que a pandemia se desenvolva.

Tem que ponderar que o terceiro passo é um passo difícil. Fazer isolamento social hoje, mesmo que seja o isolamento social das pessoas que estão positivas, dos casos confirmados, uma quarentena bem definida, é muito difícil, pelo quadro da tragédia social que o Brasil vive. Nós somos um dos países mais desiguais do mundo. Então, não é uma solução fácil.

Luis Humberto Carrijo: Dr. Edilson, o geoprocessamento parece que tem um papel fundamental para que o método seja bem sucedido. Como é que a geografia pode atuar positivamente nessa estratégia, identificando uma pessoa infectada no meio de uma multidão, numa comunidade como no Rio de Janeiro. Nós temos tecnologia para isso?

Edilson de Sousa Bias: O artigo de Eduardo de Resende Francisco, da FGV, trata um tema interessante. Vou citar uma linha do artigo que fala do profissional do presente e do futuro. Ele diz, “o profissional do presente e do futuro não pode prescindir de uma consciência analítica que compreenda as dimensões estatísticas e geográficas”. O profissional vai ter que entender esses conceitos. Se nós analisarmos esse momento,

e o professor Roberto fez esse enfoque, o território é a plataforma onde nós estamos verificando as dinâmicas de disseminação da Covid-19 no Brasil e em todo o mundo. Precisamos entender esses processos. Nós precisamos conhecer e entender como isso pode ser feito utilizando mecanismos que nos levem a compreender o processo da dinâmica espacial, porque tudo isso ocorre aonde? Isso ocorre sobre o território. A questão da inteligência aplicada à saúde não é uma coisa nova.

Muita gente pensa que isso apareceu agora, que isso é uma invenção que os geógrafos, que os cartógrafos, que os agrimensores, que as pessoas que estão ligadas mais à aplicação geográfica trazem nesse momento para mostrar a importância do seu trabalho. Mas, a coisa não é assim.

Se nós recordarmos o ano de 1854, em Londres, o médico inglês John Snow, ele conseguiu mostrar que um organismo vivo poderia ser a fonte de disseminação de doenças em um ambiente urbano. Vivia-se naquele momento um grande processo de um cólera, que envolvia vários bairros em Londres. E ele então, utilizando de análises geográficas, evidentemente sem trabalhar com todo o conceito tecnológico que nós temos hoje, mas, utilizando a inteligência geográfica, ele conseguiu demonstrar a correspondência entre as mortes e os graus de poluição que existiam em diversos bairros de Londres.

Esse trabalho do John Snow ficou conhecido nas áreas de estudo de epidemiologia e também nas áreas de análises geográficas como uma das grandes e das primeiras aplicações dentro dessa área. Então vejamos, se em 1854 John Snow conseguiu desenvolver tudo isso, identificar e estabelecer uma condição para um melhor controle sanitário da cidade de Londres e também para a manutenção da vida de centenas de milhares de pessoas, o que é que nós não poderíamos fazer hoje, com todo o desenvolvimento tecnológico que já possuímos?

A utilização da inteligência geográfica nos permite trabalhar com metodologias, e essas metodologias associadas às tecnologias que hoje nós dispomos, permitem estruturação de modelos e esses modelos, utilizando dados que podem ser espacializados, eles favorecerão uma análise e o conhecimento de agrupamento dos fenômenos. Tanto o professor Eduardo quanto o professor Roberto fizeram duas considerações que eu achei extremamente pertinente nesse momento. O isolamento às cegas. E isolamento com as diferenças socioeconômicas e até mesmo diferenças de formas de aglomeração de população em função do conteúdo que as cidades permitem que eles ali passem a conviver.

Para entender e para agir é necessário conhecer primeiro, como a população se aglomera, como ela está situada dentro de uma área urbana, dentro de uma determinada localidade. Como

podemos fazer isso? Tudo que existe na natureza terrestre é possível se fazer a localização dela. Essa localização é feita por meio de uma coordenada geográfica. Uma coordenada que pode ser tanto utilizada num plano sexagesimal, trabalhando graus minutos e segundos, que é o que nós conhecemos como coordenadas geográficas, ou então trabalhando num plano cartesiano, trabalhando com coordenadas x e y. Mas, seja em um ou seja em outro, nós temos a definição da posição de um determinado elemento, seja ele o que for, uma pessoa, uma residência, um hospital, uma escola, tudo aquilo sobre a superfície terrestre. Se eu posso localizar isso, eu posso sobrepor, por exemplo, com a parte de exames que podem ser feitos, testes que podem ser feitos. Eu posso fazer a localização de onde os testes me mostram o posicionamento de pessoas que estão apresentando ou que já apresentaram esse problema.

Com base nisso, eu começo a fazer agrupamentos e através desses agrupamentos, eu posso estabelecer medidas, planos de ação, protocolos para a ação. Então eu deixo de agir, como o Roberto diz, eu deixo de agir num isolamento às cegas para agir num isolamento com consciência de onde o elemento está acontecendo. Isso é sumamente importante neste momento. Utilizar a inteligência para auxiliar a tomada de decisão. É conhecer onde se deve atuar, para não se agir às cegas. E, com todo o conjunto de dados que nós temos, e podemos obter isso, e com o ferramental tecnológico de hoje, esse tipo de análise é extremamente possível de se realizar.

Agora, é evidente que é necessário que os dados eles cheguem para que as ações possam então ser estabelecidas, porque sem o dado, é impossível se fazer uma análise dessa natureza. Mas, o conceito de inteligência geográfica neste momento ele é a coisa mais importante para que a ação, que a inteligência epidemiológica possa agir dentro de um contexto de controle. Sem isso nós vamos ficando tiros às cegas sem conseguir atingir ninguém porque nós não sabemos efetivamente onde nós temos e devemos agir.

Luis Humberto Carrijo: Já falamos de inteligência geográfica, de inteligência epidemiológica. E a inteligência matemática? Ela pode ser usada para o combate ao coronavírus? É possível, pelos modelos matemáticos, prever quando essa curva de mortalidade, de mais de mil pessoas por dia no Brasil, vai cair ou vai se estabilizar?

Paulo Angelo: Os modelos matemáticos eles pressupõem algumas coisas como hipótese. Então, por exemplo, o modelo clássico que a gente utiliza, ele pressupõe um homogeneidade dos contatos entre as pessoas, e isso não ocorre na vida. Na geografia também não é uniforme. E também como as pessoas vivem. Tem crianças por exemplo que têm alto nível de contatos e crianças que já vivem praticamente em isolamento. Quando tem uma população relativamente pequena de uma cidade, como Brasília por exemplo, você faz uma aproximação disso com o modelo homogêneo, com contatos homogêneos, isso dá um certo delay, mas a gente consegue ter uma aproximação melhor.

Quando você pega isso para uma população de um país como o Brasil, onde nós temos áreas extremamente urbanizadas e você tem o interior, áreas rurais, que já têm naturalmente um índice de contato bem menor, então, os modelos que têm sido divulgados desde o início da pandemia, como todo mundo querendo saber quando isso acaba quando será o pico. Isso geralmente vai sendo empurrado para frente. O pessoal dizia o pico vai ser em abril, depois maio e assim vai.

O Brasil está com um platô difícil de ceder. Isso já era esperado. Eu já tinha essa expectativa desde o início. No Brasil você teve um crescimento da epidemia no centros urbanos, o pessoal que chegou de fora. Teve a interferência dos governos, alterando as regras, fechando comércio, fechando escolas e isso mudou os parâmetros de entradas no modelo, mas, mesmo assim você teve depois um processo de interiorização.

Então, nós temos hoje locais que já estão praticamente no pico ou já estão descendo, regredindo, e você tem locais no interior que estão começando agora ou talvez nem começaram ainda. Esse retardo dá essa tendência de ter um platô que vai cair gradualmente e isso demora muito tempo para acabar. Esse fato nós vimos lá atrás quando

nós publicamos a nota técnica 01 do Observatório, e já citamos esses pontos especificamente. Veio junto com a questão da vigilância epidemiológica e geográfica que citaram antes de mim. Lá atrás nós vimos que essa epidemia ia demorar muito, até a vacina, provavelmente. Não aconteceu como os gestores pensavam, que depois dos controles, ela começaria a cair, como aconteceu na China que teve um controle mais rigoroso e, depois de dois três meses, acaba e aí você pode retirar os controles.

Citamos lá atrás que esse tipo de estratégia não vai funcionar. Isso nós falamos há alguns meses atrás. Porque você não vai conseguir resistir, não vai conseguir ceder a epidemia em dois ou três meses e você não consegue manter essas medidas, essas que eles tomaram, por um longo período. Nós estávamos defendendo medidas sustentáveis. Você precisava de medidas que você conseguisse sustentar por um ano e meio se for necessário.

Já de encontro ao que o pessoal vem falando, mesmo com todas as medidas tomadas pelo governo do DF a taxa de reprodução ficou acima de 1, mostrando a ineficiência dessas medidas. Ou seja, a epidemia continuava avançando mesmo com as medidas tomadas e que não são sustentáveis. São medidas caras. E em algum momento, o governo vai ter que liberar as medidas e aí a gente vai perder todo o custo, todo o investimento com essas medidas, porque você vai voltar para a curva inicial. Só foi útil para você melhorar a infraestrutura hospitalar. Mas você não foi efetivo do ponto de vista epidemiológico.

Tem saída. É a saída lá do John Snow, bem citada aqui pelo professor Edilson, falado também pelo professor Eduardo e Roberto. A solução é aquela. Nós temos o caminho correto que é fazer vigilância epidemiológica. E ir em cima de onde estão os casos e tratando eles e isolando eles. Essa é a forma mais eficiente do ponto de vista matemático, é a forma mais eficiente do ponto de vista financeiro, de qualquer lado que você esteja trabalhando, tanto do ponto de vista do controle de óbitos quanto do financeiro e social. Sai mais barato contratar pessoal de vigilância epidemiológica do que pessoal de UTI. Quando chega na UTI a taxa de mortalidade é de 50%.

A saída é vigilância epidemiológica usando inteligência. Vou dar um exemplo. Brasília é altamente urbana. Mas temos regiões que são rurais. Brazília por exemplo. Produz mais de 60% do morango nacional. Produz mais de 90% do ovo consumido no DF. Então, é uma região agrícola. Quando veio o primeiro decreto de fechamento de escolas, fechamento de comércio, Brazília não tinha nenhum caso e ficou vários meses sem nenhum caso e no entanto aquela população toda estava parada. Isso ilustra bem o que se entende por inteligência epidemiológica. Localizar os focos reais e ir fazer contenção ali.

Uma coisa que por muito tempo eu fiquei me perguntando, por que nós estamos passando por isso, por esse dilema, sendo que a epidemiologia é um negócio muito antigo. John Snow naquela época não tinha nem caneta esfereográfica, fez todo esse trabalho provavelmente usando pena, e já tinha um mapa ali na sua mão e já conseguia fazer uma inteligência epidemiológica. E hoje nós temos celular, cada um carrega um computador no bolso, nós temos tecnologia que leva o homem na lua, temos informação fácil hoje e no entanto a gente não consegue fazer o básico de vigilância epidemiológica.

Os governos vêm fazendo os testes e não perguntam onde ele pegou essa doença. Eu gosto desse pergunta porque muitos vão saber dizer. Eu acho que foi na casa da minha tia porque ela testou positivo e eu fui até lá. Eu acho que foi no serviço porque tem um colega que estava com Covid. Você tem um custo alto para fazer um teste e a parte mais barata que é perguntar para a pessoa, você não faz. Você faz um cruzamento desses dados você vai achar os focos.

Vimos também que todas as regiões que tinham mais de 90 casos eram servidas pelo Metrô. Vimos também que 6 a 8% dos óbitos eram de profissionais do transporte público. Ai eu pergunto, quantos são passageiros? Você vê como a inteligência poderia estar sendo aplicada de forma eficiente nesse processo todo. Pelos nossos cálculos Brasília está passando pelo pico agora. No Brasil, por conta da interiorização, o platô vai baixar lentamente.

Veja matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

ONU condena repressão de Trump a manifestações antirracistas nas cidades

A Organização das Nações Unidas (ONU) denunciou o “uso desproporcional” da força contra os manifestantes antirracistas nas cidades dos Estados Unidos, ação que afeta também os jornalistas que trabalham cobrindo os protestos que se multiplicam no país desde o assassinato de George Floyd no fim de maio.

A porta-voz do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Elizabeth Throssell, assinalou em reunião informativa virtual que “as manifestações pacíficas que acontecem em cidades dos EUA, como Portland, realmente devem poder continuar sem que aqueles que participam nelas corram o risco de serem detidos ou presos de forma arbitrária, estejam sujeitos ao uso desnecessário, desproporcionado ou discriminatório da força ou sofram outras violações de seus direitos”.

Em comunicado publicado no portal do organismo, a porta-voz expressou também sua preocupação pelos informes sobre oficiais policiais em veículos sem distintivos que prendem manifestantes sem dar explicações, afirmando que essa prática “pode deixar os detidos fora da proteção da lei e dar lugar a detenções arbitrárias e outras violações dos direitos humanos”.

Os manifestantes vítimas do “uso desnecessário ou excessivo da força” por parte das forças de segurança devem ter o direito de levar a cabo “investigações rápidas, independentes, imparciais e transparentes sobre qualquer denúncia de violações dos direitos humanos”, ressaltou.

Enquanto as manifestações em várias cidades do país ganham força, Throssell informou que o Comitê de Direitos Humanos da ONU emitirá na próxima quarta-feira, 29, um documento que trata questões como “protestos físicos, a ordem pública e o trabalho dos meios de comunicação”.

Entre as dezenas de cidades norte-americanas que nas últimas semanas foram palco de protestos contra a injustiça racial, a desigualdade social e a brutalidade policial, Portland (Oregon) tem atraído a maior atenção, incluída a do presidente Donald Trump que, informado com as manifestações, enviou agentes federais para reprimir a população.

Longe de tranquilizar a cidade, essa atitude acirrou ainda mais a situação de Portland, que vive mais de 50 dias consecutivos de protestos e enfrentamentos com a polícia. Os manifestantes se opõem à presença das forças governamentais e exigem sua retirada.

Trump qualificou os que se manifestam de “anarquistas” e “terroristas”, e perdeu a compostura diante do apoio do prefeito de Portland, Ted Wheeler, à população nas ruas.

“Ele fez papel de bobo. Ele queria estar entre as pessoas, então ele foi para a multidão e bateram nele”, disse Trump sobre a ida do dirigente da cidade a uma manifestação contra a violência policial na última quarta-feira, onde foi exposto a uma bomba de gás lacrimogêneo.

A alta comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, também criticou, na sexta-feira, 24, os países que se aproveitam da atual crise da saúde para prender jornalistas e calar a imprensa independente.

“A imprensa livre é sempre essencial, mas nunca foi tão necessária quanto nesta pandemia, pois há tantas pessoas isoladas que temem por sua saúde e por seus meios de sobrevivência”, disse Bachelet em um comunicado.

Cartéis dos EUA se negam a vender vacina anti-Covid a preço de custo

Os laboratórios norte-americanos Pfizer, Merck e Moderna disseram na terça-feira (21) em audiência no Congresso dos EUA que, se obtiverem sucesso na nova vacina contra o coronavírus, não a venderão a preço de custo. AstraZeneca e Johnson & Johnson concordaram em vender inicialmente as vacinas sem um lucro exorbitante.

Em resposta a um congressista, o executivo-chefe Stephen Hoge da empresa de biotecnologia Moderna, que tem uma vacina em desenvolvimento, com quase meio bilhão de dólares de dinheiro público investido, disse na maior caradura que “não venderá a preço de custo”.

Mesmo aviso da Merck, que – apesar de não ter nenhuma vacina pronta até 2021 – já ‘esclareceu’ que “não venderá a preço de custo”, conforme a executiva Julie Gerberding.

Quem se esmerou na disposição de tirar proveito da pandemia foi o executivo da Pfizer, John Young, que declarou que “este é um momento extraordinário e nosso prêmio o refletirá”. Para não restar dúvida, acrescentou que “durante a pandemia, avaliaremos nosso potencial de vacina com base na atual emergência global de saúde”. A Pfizer está desenvolvendo uma vacina em parceria com o laboratório alemão BioNTech.

Como regra geral, os custos das pesquisas da vacina da Covid-19, por vários mecanismos, estão sendo bancados pelos cofres públicos

no mundo inteiro.

Numa mostra do que os cartéis farmacêuticos entendem por preço adequado, recentemente a Gilead, detentora da patente da droga antiviral remdesivir, a primeira a ser oficialmente aprovada para tratamento da Covid-19, que não cura nem altera a letalidade, mas reduz o tempo de internação dos casos graves, definiu o preço nos EUA de US\$ 512 por dose do remédio. Segundo pesquisadores da Universidade de Liverpool (Reino Unido), o custo de fabricação de cada ampola é de aproximadamente 93 centavos de dólar (US\$ 0,93).

A questão de que a vacina deve ser um bem comum da humanidade e que as vidas de milhões e milhões de pessoas não podem ficar reféns de especuladores gananciosos travestidos de laboratórios farmacêuticos foi amplamente debatida na Organização Mundial da Saúde (OMS), que reafirmou a decisão da Assembleia Geral da ONU que estabelece aos povos o direito de quebra de patente em caso de emergência de saúde. Esta, a mais grave emergência de saúde em um século.

Uma das principais preocupações da OMS diante da pandemia é garantir que a vacina esteja acessível a todos os países, inclusive os mais pobres, assim como os novos tratamentos.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

“EUA age como bandido por ter perdido liderança do 5G”, diz cônsul da China

O cônsul Li Yang destacou que “a tecnologia 5G chinesa é avançada e que sobre isso não há contestação”. Afirmou também que seu país está vencendo a Covid-19 e recuperando a economia

“Os Estados Unidos perderam o timing e a Huawei [detentora da tecnologia 5G] está com uma tecnologia de ponta. E ao perder esse timing e perder a liderança no setor de tecnologia, os Estados Unidos não reagiram de uma forma amigável. Ao correr atrás da perda dessa liderança estão reagindo como se fossem um bandido. E acho que isso fica claro aos olhos da população mundial”, afirmou o cônsul-geral da China no Rio de Janeiro, Li Yang em entrevista coletiva, virtual concedida no dia 23.

Respondendo à acusação dos EUA e da Inglaterra de que a tecnologia chinesa seria usada para fins de espionagem, ele arguiu que “a tecnologia chinesa é a mais segura” e que, ao contrário, “a preocupação dos EUA é que, se todos países adotarem a tecnologia da Huawei, eles perderão a prerrogativa de acesso aos dados de todo o mundo, interrompendo a espionagem que fazem ao longo de vários anos”.

Li Yang destacou que,

com o Brasil, a China trabalha no sentido inverso, buscando o aprofundamento da parceria no terreno tecnológico: “O desejo da parte chinesa é que consiga se aprofundar a parceria na área de tecnologia e comunicação e esperamos que da parte brasileira continue havendo essa atitude justa, positiva, sem discriminação em relação à China e suas empresas”. Para Li Yang o Brasil só tem a ganhar com esse processo e embarcar nas provocações norte-americanas não serve aos interesses dos países. Destaca que a parceria da China com os países da América Latina é baseada na “decisão conjunta, construção conjunta e benefícios conjuntos e acredito que se fará mais presente”.

Tal parceria, “só tem um objetivo que é apoiar o desenvolvimento do país que participa. Melhorar esse desenvolvimento para melhorar a qualidade de vida e trazer uma estabilidade econômica para o local”.

SUSANA LISCHINSKY

Seguem os principais trechos da coletiva:

Jornalista Arnaldo Cézar (ABI) – Boa tarde Sr. Cônsul Geral. A Huawei, que é uma empresa fabricante de equipamentos de telecomunicação e telefonia celular, vem fazendo testes na cidade de Búzios, aqui no norte fluminense, sobre a implantação da quinta geração de telefonia celular. Em função do que vem acontecendo nas últimas horas, especialmente o que aconteceu com a França, e ontem o que aconteceu nos Estados Unidos, eu queria saber do senhor qual é a expectativa das autoridades chinesas com relação ao mercado dos 5G no Brasil?

Li Yang – Respondendo à primeira pergunta, a parceria de tecnologia entre o Brasil e a China vem sendo, desde o início, muito boa; uma parceria muito amistosa. A nossa expectativa é que esse tipo de parceria continue no futuro, que esse tipo de relacionamento continue.

O desejo da parte chinesa é que consiga se aprofundar a parceria na área de tecnologia e comunicação e esperamos que da parte brasileira continue havendo essa atitude justa, positiva, sem discriminação em relação à China e suas empresas.

Como foi mencionado justamente por você, nos últimos dias temos visto uma pressão sobre as empresas chinesas, em especial a Huawei. Mas, como todos nós sabemos, e os jornalistas também sabem, esse virou um assunto que foi politizado, não é mais meramente um assunto comercial, no âmbito de negócios. Essa área se tornou uma área politizada.

Ao longo da coletiva eu creio que devo retornar e aprofundar esse tema, mas como também foi mencionado pelo senhor, ocorreram alguns episódios aqui, no Brasil, mas estamos com a expectativa e a esperança que o mercado continue com o mesmo comportamento que sempre teve conosco.

Qual é a expectativa da parte chinesa? A expectativa de uma atitude justa e sem discriminação, e que permita a participação dos chineses nesse campo e nessa área.

Filipe Barini, – O Globo – Minha pergunta é sobre a recente ação do governo chinês de bloquear a exportação de carne a partir de algumas empresas para a China. Existe uma preocupação da China com os controles sanitários brasileiros? Há possibilidade de outros setores verem seus produtos vetados pela China?

Li Yang – A parceria na agricultura é um dos grandes pilares da cooperação Brasil – China. Ela é grande e ainda tem um grande potencial de crescimento. Essa é uma parceria bastante sólida e o desejo chinês é continuar com o desenvolvimento dessa parceria. Torná-la cada vez maior e cada vez mais forte.

Susana Lischinsky – Hora do Povo – Voltando à questão da empresa Huawei. Qual é sua opinião sobre a pressão que os Estados Unidos exercem sobre o Brasil e a Inglaterra em relação às parcerias para a adoção da tecnologia 5G e as acusações de que a Huawei poderia ser usada pela China para fins de espionagem?

Li Yang – Essa é uma pergunta muito interessante. Vamos começar falando que essa pressão que os Estados Unidos fazem conjuntamente com a Inglaterra em relação à tecnologia 5G já saiu do âmbito técnico, sobre se a tecnologia da China não é boa. Já saiu desse âmbito. Eu gostaria de aproveitar a ocasião e destacar alguns pontos. A primeira afirmação que eu faço é que a tecnologia 5G da Huawei já é incontestada, é a melhor que se tem no mundo neste momento. Não há contestação sobre a sua qualidade tecnológica. Então, reafirmo aqui que a tecnologia da Huawei é a tecnologia mais avançada. Existem diversos artigos falando sobre esse tema. Está cada vez mais se tirando a sombra sobre a qualidade dessa tecnologia. É exatamente porque está se retirando a dúvida sobre a confiabilidade da tecnologia 5G chinesa é que se começou a atacar em outra frente.

O segundo ponto que eu destaco aqui é que a tecnologia da Huawei é a mais segura existente no mundo. Com um trabalho de base feito de forma rigorosa e sólida podemos hoje afirmar que é a rede mais segura.

Na aplicação das tecnologias da Huawei, a empresa sempre assina um acordo de segurança com o cliente, essa parte de segurança é aberta com os clientes. Isso as empresas norte-americanas não fazem. Não o fazem porque eles usam a tecnologia para espionagem. É por essa razão que os EUA hoje atacam a tecnologia da Huawei.

Das principais razões eu destaco: Por que os Estados Unidos atacam a Huawei? Porque já está comprovado que é a tecnologia mais avançada. Os Estados



Li Yang, cônsul da China no Rio de Janeiro - foto divulgação

Unidos perderam o timing e a Huawei está com uma tecnologia de ponta. E ao perder esse timing e perder a liderança no setor de tecnologia, os Estados Unidos não reagiram de uma forma amigável. Ao correr atrás da perda dessa liderança estão reagindo como se fossem um bandido. E acho que isso fica claro aos olhos da população mundial.

O outro ponto que eu gostaria de destacar é que justamente pela tecnologia da Huawei ser a mais segura que isso causa medo aos EUA. A preocupação dos Estados Unidos é que se todos esses países resolvem adotar a tecnologia da Huawei, que é segura, eles perdem a prerrogativa de ter acesso aos dados do mundo todo e de, assim, continuar fazendo a espionagem que vêm fazendo há anos. Mas essa é uma marcha, uma evolução inexorável. Agora não tem mais como barrar a entrada ou a aplicação da tecnologia da Huawei.

Beatriz Narita – A despeito da crise, a China é uma das poucas economias que não terá o seu PIB negativo. Recentemente, o Departamento Nacional de Estatística anunciou que o PIB no 2º trimestre deste ano cresceu 3,2%, na contração do mundo. Qual é o papel da China para a recuperação da economia mundial depois da crise e se é viável imaginar que a China terá um papel semelhante ao que teve em 2008, colaborando para a recuperação dos países em desenvolvimento?

Li Yang – Essa pergunta é muito boa. A dificuldade econômica em decorrência da pandemia é de todos os países. A China não é uma exceção. O primeiro trimestre não foi uma exceção, mas no segundo trimestre nós já conseguimos apresentar um crescimento de 3,2% e diversos economistas, sejam eles chineses ou estrangeiros, têm razões para acreditar e fizeram avaliações de que o PIB chinês do ano 2020 ficará no terreno positivo.

Podemos dizer que a retomada econômica da China foi realizada conforme o planejamento.

Diversas instituições internacionais, após observar o crescimento do PIB chinês já no segundo semestre, estão muito otimistas.

Eu particularmente acho que quando chegarmos ao final do ano o resultado do PIB chinês será uma grata surpresa para todos.

Existe agora uma pergunta. Qual é o papel que a China pode ter no mundo pós-pandemia? Na verdade, é uma pergunta fácil de responder. A China se recuperando, em primeiro lugar traz confiança para a economia mundial, sendo a primeira a se recuperar traz confiança mundial. Não só confiança, ela traz essa energia, essa força para puxar a economia.

Vamos começar pela primeira palavra: confiança. A China tendo sua economia

crescendo traz confiança. O que é mais necessário neste momento é a retomada da confiança. Qual o recado que a China passa quando mostra já uma recuperação econômica no 2º semestre? É possível enfrentar essa grave crise sanitária e ter uma retomada econômica rápida se você fizer o dever certo.

A mensagem que a China passa é: pode se vencer o vírus e pode se retomar a economia. A China conseguiu administrar isso muito bem, tanto o combate à epidemia quanto a retomada econômica. Então, qual o estágio da China neste momento? Estamos com a economia controlada, estamos no caminho de recuperação econômica a passos sólidos e estáveis.

Qual a mensagem que a China pode passar para o mundo? É a mensagem do exemplo. Outros países podem olhar para a China e pensar: ‘se a China conseguiu, por que eu não poderia conseguir?’ Essa é a minha explicação para a palavra confiança.

Agora vamos falar de ‘puxar’ as outras economias, a oportunidade. Em relação às oportunidades econômicas, de negócios, é que uma vez controlada a epidemia, o governo chinês fez um planejamento dessa retomada, e esse planejamento abrange tanto o mercado interno quanto o mercado internacional.

Para o mercado interno, a China continua de portas abertas, importando produtos de nossos parceiros. Nós estamos construindo uma política extremamente liberal de atração de parceiros internacionais para o mercado interno, doméstico, chinês.

No âmbito internacional, a Iniciativa do Cinturão e Rota continua se desenvolvendo durante esse período e traz um impacto positivo para a economia desses países. Os projetos continuando não geram desemprego, aceleram a velocidade da retomada econômica.

Sobre a palavra ‘motor’, sobre o motor que puxa a economia. Eu posso dizer que há o planejamento interno da China, que está aberto à cooperação com economias fora da China e, ao mesmo tempo, os projetos

internacionais da Iniciativa Cinturão e Rota que não pararam durante a pandemia.

Vou exemplificar o que estou falando. Os investidores brasileiros, que já estão aplicando na China, vão perceber como ficou mais prático, como diminuiu o trabalho administrativo de burocracia nesse curto período da pandemia. O ambiente de negócios na China mudou nesses poucos meses. O tratamento dispensado a empresários estrangeiros, inclusive brasileiros, é igual ao dos empresários locais, chineses.

O Brasil e a China, além de serem membros dos BRICS, têm uma parceria estratégica. Desde o início da relação diplomática Brasil/China sempre houve uma relação harmoniosa e amistosa entre os dois países. Em 2019, os líderes dos dois países fizeram visitas recíprocas. No mês de março, quando já havia eclodido a pandemia do coronavírus, os líderes dos dois países também se comunicaram por telefone e trocaram opiniões sobre cooperação no combate à pandemia. Podemos dizer que a China está tratando esse assunto do alto de uma visão estratégica. A parte chinesa continuará com total respeito, carinho e dedicação na construção dessa parceria, nesse relacionamento bilateral.

Nesses tempos especiais de crise sanitária estamos nos esforçando na cooperação do combate ao Covid-19. De acordo com as informações que tenho, desde o dia 6 de maio até o dia 19 de julho, foram 39 aeronaves fretadas que saíram da China e chegaram ao Brasil com material chinês. São mais de 1.200 toneladas de material para o combate à Covid-19. Pelas informações que temos foram aproximadamente 240 milhões de máscaras cirúrgicas e mais outros equipamentos. Segundo palavras do ministro de Infraestrutura, Tarcísio Freitas, esse material foi amplamente utilizado na linha de frente do combate à Covid-19 no Brasil, poupando muitas vidas.

Leia o texto completo em www.horadopovo.com.br

Pandemia: Suécia não fez quarentena e colhe agora desemprego recorde

A taxa de desemprego na Suécia registrou uma alta recorde no mês de junho, chegando a níveis que não eram atingidos desde 1998. Segundo o Instituto sueco de estatísticas (SCB), o número de desempregados no país se aproxima dos 10% e a pandemia de Covid-19 é apontada como um fator decisivo.

De acordo com o SCB, o desemprego, que em janeiro era de 7,2%, atingiu em junho 9,4% dos suecos entre 16 e 64 anos, com um aumento flagrante entre os jovens. Na população entre 16 e 24 anos, o índice chega a 28%, contra 20,4% registrados em janeiro. Após adotar uma estra-

tégia contra a pandemia inteiramente na contramão dos países vizinhos, a ‘imunização de rebanho’, a Suécia se tornou o segundo país europeu com maior número de casos por habitante, enquanto sua economia não se saía melhor do que a dos vizinhos.

Aliás, como revelou o ‘IBGE’ sueco, no caso do desemprego, inclusive ficando em situação pior. A imunização de rebanho consiste em deixar o vírus se propagar livremente até atingir – e, em seguida, imunizar, a maioria da população, evitando o confinamento generalizado que foi imprescindível no auge da pandemia.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

Gregório de Matos e os primórdios da civilização brasileira (2)



Gregório de Matos (1623-1696), iniciador da poesia nativista

Continuação da edição anterior

(...) “Na luta contra os estrangeiros acrisola-se o sentimento nacional. Em todos estes fatos as três raças aparecem quase no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o brasileiro é já uma realidade. É o tempo de Vital de Negreiros, de Calabar, de Amador Bueno, dos Palmares e de Gregório de Matos...” (Sívlio Romero)

CARLOS LOPES

IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

Mas esse problema estético tem uma história, diz Garcia Lorca, em sua conferência de 1926:

“Para situar Góngora, é necessário ressaltar os dois grupos de poetas que lutam na História da Lírica de Espanha. Os poetas chamados populares e impropriamente nacionais, e os poetas chamados propriamente cultos ou cortesãos.

(...) “Uma guerra franca se declarou entre os dois grupos. Cristóbal de Castillejo y Gregorio Silvestre tomaram a bandeira castelhanista com o amor à tradição popular. Garcilaso, seguido pelo grupo mais numeroso, afirmou sua adesão ao que se chamou gosto italiano.

“Mas quero registrar que não acredito na eficácia dessa luta nem acredito na coisa do poeta italianizante e do poeta castelhano. Em todos eles há, em minha opinião, um profundo sentimento nacional. A inegável influência estrangeira não pesa sobre seus espíritos. Classificá-los depende de uma questão de foco histórico. Mas Garcilaso é tão nacional quanto Castillejo.

“Castillejo está imbuído da Idade Média. Ele é um poeta arcaizante do gosto recém terminado.

“Garcilaso, renascentista, desenterra nas margens do Tejo antigas mitologias equivocadas pelo tempo, com uma galanteria genuinamente nacional, descoberta então, e um verbo de eternidade espanhola.

“Lope [de Vega] recolhe os arcaísmos líricos dos finais da Idade Média e cria um teatro profundamente romântico, filho de seu tempo. Os grandes descobrimentos marítimos, relativamente recentes, (romanticismo puro), batem na sua cara. Seu teatro de amor, aventura e luto o afirma como um homem de tradição nacional.

“Mas tão nacional quanto ele é Góngora. Góngora foge, em seu trabalho característico e definitivo, da tradição cavalheiresca e medieval, para procurar, não superficialmente como Garcilaso, mas de maneira profunda, a gloriosa e antiga tradição latina. Busca sozinho no ar de Córdoba as vozes de Sêneca e Lucano. E modelando versos castelhanos à luz fria da lâmpada romana, ele traz à sua altura mais alta um tipo de arte exclusivamente espanhola: o barroco.

“Foi uma luta intensa de medievalistas e latinistas. Poetas que amam o pitoresco e o local, e poetas da corte. Poetas embauçados e poetas que procuram o nu. Mas o ar ordenado e sensual que o Renascimento italiano tenta impor, não toca seus corações. Porque eles são românticos, como Lope e Herrera, ou são católicos e barrocos em um sentido diferente. Como Góngora e Calderón. A geografia e o céu triunfam sobre a biblioteca.

(...) “O Góngora cultista foi considerado na Espanha, e continua sendo assim por um extenso núcleo de opinião, como um monstro de vícios gramaticais, cuja poesia carece de todos os elementos fundamentais para ser bela. As Soledades foram consideradas pelos gramáticos e retóricos mais eminentes como um flagelo a ser erradicado, e vozes escuras e torpes foram levantadas, vozes sem luz ou espírito para anatematizar o que chamam de escuro e vazio.

“Eles conseguiram encurralar Góngora e jogar terra nos olhos novos que o entenderam, durante dois longos séculos, nos quais nos repetem... ‘não aproximar-se, porque é incompreensível...’

“E Góngora tem estado só, como um leproso cheio de chagas de fria luz de prata, com o ramo novíssimo nas mãos, esperando que as novas gerações recolham sua herança objetiva e seu sentido da metáfora” (v. Federico Garcia Lorca, **La imagen poética de Luis de Góngora**, Obras Completas VI, Akal, Madrid, 2008).

O SÉCULO XVII NO BRASIL

Evidentemente, comparar um poeta que nasceu e viveu em uma colônia portuguesa com um poeta que viveu no centro do Império colonial espanhol, só é possível dentro de certos limites.

Esses limites são, exatamente, os da época, e, sobretudo, aqueles do gosto da época.

Mas é interessante, por isso mesmo, que a reação contra Góngora se pareça com a reação contra Gregório de Matos.

Porém, evidentemente, do ponto de vista deste trabalho, são mais importantes as peculiaridades de Gregório de Matos do que sua identidade com os demais poetas da sua época.

Aqui, temos um guia seguro: Sívlio Romero, o adversário de José Veríssimo. Nesta questão, Romero mostra porque é um autor indispensável, mesmo apesar de seus erros (evidentemente,



o que o torna indispensável são os seus acertos, e não os seus erros).

Escreveu ele, em 1905, numa obra publicada em Recife, cidade onde, na volta do degredo em Angola, morreu Gregório de Matos, em 1696:

“... a poesia, como tudo que é humano, é uma filha da terra, por mais que a façamos fugir para o céu de nossos devaneios, para o azulado infinito de nossas aspirações; e, como filha da terra, tem de lutar e sofrer a nosso lado, tem que gemer as nossas dores e carpir as nossas mágoas.

“E posto nestas páginas tenhamos mais que ver a poesia do que os poetas, a arte como alguma cousa de funcional de que os poetas são apenas órgãos ocasionais, não poderemos passar sem reparo o referver de paixões, ódios e cóleras de que GREGÓRIO DE MATOS foi, na época que vimos passando, a expressão mais nítida.

“Para bem termos a ideia do que era a Bahia na segunda metade do século XVII, devemos lembrar já fazer mais de século que se havia erigido ali o governo geral do Brasil; ter Portugal já perdido de todo as esperanças na Índia, e feito convergir seu esforço e interesse exclusivamente para suas conquistas da América; haverem-se já grandemente desenvolvido o comércio, a lavoura e a riqueza. A sociedade, estimulada por governadores gananciosos, por padres e magistrados cobertos de pretensões, sedentos de riquezas, ostentava já muitas das máculas que então carcomiam a velha metrópole.

“O século XVII, apogeu do régio absolutismo, foi no mundo ocidental um período notavelmente viciado. A capital brasileira, valhaçcoito de aventureiros de toda a casta, ostentava tantas mazelas quantas Lisboa.

“Quase sempre, porém, os períodos de violentas paixões são também épocas de notável labor espiritual.

“A Bahia achava-se neste estado. E basta dizer que raramente algum período de nossa história contou num centro qualquer homens como Eusébio de Matos, seu irmão Gregório, Antônio Vieira, seu irmão Bernardo, Rocha Pitta, Botelho de Oliveira e trinta outros de quase igual merecimento.

“Não é só: deve-se até afirmar que nunca mais se deu igual fenômeno, porquanto na vida espiritual luso-americana não existem dois Antonios Vieiras e nem dois Gregorios de Matos. Esta singular e terrível figura, já por nós duas vezes estudada com esmero, não pode aqui ter mais que uma rápida, porém significativa menção. Foi o gênio satírico mais poderoso de nossa língua até hoje; foi o retrato de sua época, por ele profligada desapidadamente; é, acima de tudo, um documento por onde se pode reconstruir o quadro dos costumes do tempo.

“Grandes e pequenos, bispos, governadores, cônegos, magistrados, nobres e plebeus, todos sofreram as pancadas de seu látego implacável.

“E tinha graça o iracundo censor: (l) Em meia dúzia de versos pintava uma situação cômica, digna de sofrer o fouet da sátira.

“Eis como a musa faceta baiana já em pleno século XVII debicava com as párvos desaventuras de um pernóstico cantador de modinhas:

*Uma grave entoação
Te cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz
Foi solfa de já bordão.
Pelo compasso da mão
Em que a valia seapura,
Parecia solfa escura;
Pois a mão nunca parava!...
Nem no ar, nem no chão dava
Sempre em cima da figura!...*

“A poesia lírica neste divergente mostra os evidentes sinais que a prendem à de seus contemporâneos” (cf. Sívlio Romero, **Evolução do Lyrismo Brasileiro**, J.B .

Edelbrock Editor, Recife, 1905, pp. 15-18).

O DESPONTAR DA CULTURA BRASILEIRA

Mas é na sua **História da Literatura Brasileira**, publicada em 1888, que Sívlio Romero faz sua mais importante – e, quanto aos fundamentos, definitiva – análise da obra de Gregório de Matos.

“No primeiro século da conquista e da colonização notam-se já fortes protestos contra a escravidão. Tais protestos, que se referiam exclusivamente à raça indígena, repetiram-se no século seguinte ainda tendo por alvo o selvagem tupi.

“Mas já então a raça negra lavrava o seu primeiro e eloquentíssimo brado de libertação. Este protesto foi duplo: de um lado ensinava ao branco a resistir ao holandês invasor, e de outro lado, nessa famosa república dos Palmares, mostrava ao branco que seria livre quando definitivamente quisesse.

“Estes últimos fatos passaram-se no século XVII na antiga capitania de Pernambuco. Então fez-se ouvir o decano dos poetas e abolicionistas brasileiros — Gregório de Matos, o grande satírico.

“Na luta contra os estrangeiros acrisola-se o sentimento nacional. Em todos estes fatos as três raças aparecem quase no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o brasileiro é já uma realidade. É o tempo de Vital de Negreiros, de Calabar, de Amador Bueno, dos Palmares e de Gregório de Matos...

(...) “O interesse dramático desse tempo está, porém, na luta de duas forças antagônicas, que sem combaterem-se diretamente uma a outra, trabalhando em esferas opostas, podem ser consideradas como diametralmente inimigas, ainda que se julgassem aliadas.

“Quero falar do padre Antônio Vieira e do poeta Gregório de Matos. Aquele é um português que viveu no Brasil, o outro um brasileiro que residiu em Portugal; um simboliza o gênio português com toda a sua arrogância na ação e vacuidade nas ideias, com todos os seus pesadelos jurídicos e teológicos; o outro é a mais perfeita encarnação do espírito brasileiro, com sua facécia fácil e pronta, seu despreendimento de fórmulas, seu desapego aos grandes, seu riso irônico, sua superficialidade maleável, seu gênio não capaz de produzir novas doutrinas, mas apto para desconfiar das arrogâncias e do pedantismo europeu.

“Vieira é o jesuíta, o produto de uma sociedade e de uma religião gastas. Gregório é o discípulo de padres que começa por debicá-los, escarnecê-los e duvidar de sua santidade e sabedoria. Vieira é uma espécie de tribuno deroupeta [batina], que se ilude com as próprias frases, Matos é um garoto, um precursor dos boêmios, amante de mulatas, desbragado, inconveniente, que tem a coragem de atacar bispos e governadores...

“Todo o movimento literário do Brasil no século XVII deve girar em torno do nome de GREGÓRIO DE MATOS GUERRA.

“O do século anterior deve circular em torno de José de Anchieta. Resta saber qual destes dois ilustres mortos, foi o criador da literatura brasileira.

“Para responder a esta questão, cumpre, antes de tudo, indicar o que se deva entender por literatura nacional. Se por ela se professa a simples descrição da natureza do país, então o seu fundador foi Pero Vaz de Caminha, o piloto, o primeiro, que escreveu sobre o Brasil. Se vem a ser a descrição dos selvagens e de seus costumes, então foram muitos, Thevet, Lery, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim e alguns mais. Se são os cantos rudes dos índios, neste caso foram eles, os selvagens, os fundadores dela. Se é a descrição dos costumes dos negros, os seus cantos, suas lendas, nesta hipótese, os seus fundadores foram os primeiros pretos que desembarcaram d’Afri-

ca. Se é a persistência do elemento português, nestas circunstâncias, deverão ser contados, como fundadores da literatura brasileira, todos os colonos emperrados, todos os governadores e todos os reis da metrópole, que mais se esforçaram por comprimir a colônia, sufocando-lhe os impulsos autonômicos e originais, e nesta carreira, deverão ser considerados os mais notáveis fundadores da literatura pátria, o carrasco que precipitou da força a *Tiradentes* e o soldado que atirou certo ao coração do *Padre Roma...*

“Mas tudo isto é falso, falsíssimo.

“A literatura brasileira, como todas as literaturas do mundo, deve ser a expressão positiva do estado emocional, dos sentimentos de um povo. Ora, nosso povo não é o índio, não é o negro, não é o português; é antes a soma de todas estas parcelas atiradas ao cadinho do Novo Mundo.

“São as gerações crioulas, que, deixadas de parte as nostalgias dos progenitores, esqueceram-se delas para amar este país e trabalhar na formação de uma pátria nova.

“Esta pátria nova não é a oca do índio perdida no deserto, a palhoça do negro esquecida nos areias da África, ou o casal do português que ficou pelas encostas do Alentejo...

“A *nova pátria* é o Brasil, quero dizer, a terra e a sociedade de um povo livre e progressivo. Com esta luz, bem se compreende que Anchieta não podia ser o fundador de nossa literatura.

“Ele não tinha a *loucura da terra*, com que se fundam as obras neste mundo; tinha a *mania do céu*; ele não viveu bastante, ou não viveu em tempo, em que pudesse ver que os seus queridos *índios* não eram tudo; em que pudesse ver que os seus *portugueses* não eram também tudo; em que pudesse apreciar o advento do elemento novo, do genuíno brasileiro – o *mestiço*, o filho do país.

“Quando falo no mestiço não quero me referir somente ao mestiço fisiológico – o mulato; refiro-me a todos os filhos da colônia, todos os crioulos, que o eram num sentido lato; porquanto, ainda que nascessem de raças puras, o eram no sentido moral.

“Eu me explico.

“Tomemos uma fazenda, um engenho do primeiro século, e apreciemos as circunstâncias desta espécie de mestiçagem moral.

“Estamos no recôncavo da Bahia, no ano de 1570, num engenho de açúcar. O proprietário é um português rico; tem seus preconceitos [preconceitos] de raça, quer ter uma descendência *limpa*, e por isso contraiu matrimônio com a filha de um mercante abastado da praça, português como ele.

“Vai-lhe saindo a prole alourada, mostrando ao través da cútis macia os fios distintos do *sangue azul*. Mas o nosso homem é rico, e sê-lo no Brasil, máxime naqueles bons tempos, era possuir algumas dúzias de escravos, e ele os tinha, não só da *terra*, como de *Guiné*. Como era natural, estes últimos também procriavam!

“Ora, o *meio* tem suas exigências atrozes; o resultado vinha a ser que os filhos do *senhor de engenho* eram de certo limpos de tez; mas, gostando muito de ir às senzalas a conversar e brincar com os moleques, as pretas e as caboclas velhas, saíam no fim de contas uns portugueses, é verdade, mas uns tais, que distavam dos pais, como a água do vinho, pela intuição e pela face moral. Sabiam as lendas do Caipora, do Saci Pererê, da Iara, do Zumbi, do Manjaléo, e uma multidão de outras cousas, que sorratamente e sem o quererem, as pretas e índias lhes iam inoculando nos tenros espíritos.

“Por outro lado, os filhos dos escravos, os filhos dos pretos e os dos índios, perdiam também o uso de sua língua nativa e falavam a língua da casa grande, a língua do senhor; eram cristianizados e aprendiam umas tantas cousas, que só os brancos sabiam.

“Eis aí o que eu chamo um caso de mestiçagem moral.

“Não falemos já na mestiçagem física. Imaginemos centenas e milhares de mancebos portugueses nos dois primeiros séculos da conquista, rapazes que não tinham ainda constituído família, fortes e sadios, atirados no harém brasileiro de belas pretas e caboclas fáceis, e compreender-se-á que a fusão das raças era inevitável.

“Se a literatura brasileira fosse uma tal ou qual descrição do selvagem, Anchieta a teria fundado; ela, porém, é mais do que isto, e só um filho do Brasil, e em século mais avançado, a poderia fundar.

“Anchieta deve, por certo, ser contemplado em nossa história literária como um precursor, como o disse desde os preliminares deste livro; não como um fundador, um criador. Uma literatura, além de tudo, nunca tem um fundador; tem órgãos de manifestação, mais ou menos aperfeiçoados, e não passa disto. Uma escola é que pode ter um chefe, um criador. Uma literatura tem uma base, tem elementos e tem órgãos.

A base da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação à parte, como produto étnico determinado; os elementos são as tradições das três raças sem predomínio de uma sobre as outras; os órgãos são os nossos mais notáveis talentos, todos aqueles que sentiram como brasileiros.

“Anchieta, repito, é um simples precursor. Se a alguém no Brasil se pudesse conferir o título de fundador da nossa literatura, esse deveria ser Gregório de Matos Guerra. Foi filho do país; teve mais talento poético do que Anchieta; foi mais do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e num sentido mais nacional.

“O que me prende no estudo desta individualidade, é a ausência de artifício literário; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro; a vida do indivíduo ajusta-se à obra do poeta.

Estava, além disto, em perfeita harmonia com o seu meio”.

Continua na próxima edição